



**INSTITUTO
FEDERAL**
Sul-rio-grandense

Câmpus
Pelotas



ENTREVISTAS

RECORDAÇÕES EM PAUTA

**UMA NARRATIVA SOBRE A BANDA MARCIAL
DA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE PELOTAS
(ETFP) ENTRE AS DÉCADAS DE 60 E 70**

**Rafael de Souza Velasco
Rafael Montoito**

2019

RAFAEL DE SOUZA VELASCO

ENTREVISTAS

*RECORDAÇÕES EM PAUTA: UMA NARRATIVA SOBRE A BANDA
MARCIAL DA ESCOLA TÉCNICA FEDERAL DE PELOTAS (ETFPPEL) ENTRE
AS DÉCADAS DE 60 E 70*

Produto técnico oriundo da pesquisa realizada para a dissertação final, apresentada como requisito à obtenção do título de Mestre do Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas. Área de Concentração: Educação Orientação: Prof. Dr. Rafael Montoito

PELOTAS

2019

Ficha Catalográfica

V433e Velasco, Rafael de Souza.
Entrevistas : recordações em pauta: uma narrativa sobre a banda marcial da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPPEL) entre as décadas de 60 e 70 / Rafael de Souza Velasco. – 2019.
43 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Montoito
Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas, 2019.

1. Banda marcial. 2. Escola Técnica Federal de Pelotas. 3. Juventude. I. Montoito, Rafael. II. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul. III. Título.

CDD 370

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Vivian I. M. Ritta CRB 10/1488
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

A seguinte produção visa a brindar o aniversário de 50 anos da conquista do Tricampeonato Estadual de Bandas Marciais, vencido pela Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL). Na ocasião, os Etepeanos, como eram conhecidos, venceram a disputa estadual de 1970.

O objetivo principal desta coletânea de entrevistas foi buscar informações para construir uma história da Banda Marcial ETFPEL a partir das memórias de seus ex-integrantes, disponibilizando-as, assim, na sala do Memorial CEFET (IFSul Câmpus Pelotas) para outros pesquisadores que se interessem pelo tema. As entrevistas aqui transcritas compuseram, junto com outros documentos, o conjunto de elementos manipulados para a escrita da dissertação *Recordações em Pauta: uma Narrativa sobre a Banda Marcial da Escola Técnica Federal de Pelotas (ETFPEL) entre as Décadas de 60 e 70*, elaborada no Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense.

As entrevistas foram realizadas no ano de 2019, na cidade de Pelotas, sempre no lugar em que o entrevistado dizia se sentir mais à vontade: duas foram feitas no Câmpus Pelotas do IFSul (antiga Escola Técnica), lugar de onde emergem recordações valiosas para os protagonistas da pesquisa, uma foi feita na casa de um entrevistado e a outra na empresa do ex-integrante da Banda ETFPEL. Elas seguiram os preceitos teóricos da História Oral, metodologia utilizada para a escrita da referida dissertação.

As inquietações iniciais, disparadoras da pesquisa, eram: Quem são eles? Como encontrá-los? Ainda são identificados com a agremiação, passados mais de 50 anos? Não pareceu fácil e rápido, num primeiro momento, encontrar este “alguém na multidão”, que tivesse participado da Banda; que estivesse com disposição para falar de sua juventude e interesse em contribuir para o estudo que viria ser feito; até que estivesse residindo em Pelotas ou região – uma vez que uma grande característica da antiga ETFPEL era a de formar seus alunos técnicos e suprir a demanda industrial do sudeste do país, situação em que os jovens constituíam carreira, família e criavam vínculos longe de sua cidade natal.

A busca por ex-integrantes da Banda partiu dos elementos (fotos e documentos escritos) encontrados no Acervo Permanente do IFSul. Identificados alguns ex-integrantes, eles foram contatados pela internet, em redes sociais como o *Facebook*, e, num segundo momento, novos entrevistados foram acrescentados ao grupo por indicação de antigos funcionários da ETFPEL, que ainda estão na ativa (atualmente no IFSul).

Nas entrevistas foram utilizadas fotografias aleatórias da Banda entre os anos 60 e 70, como uma forma de auxiliar os entrevistados no processo de rememoração das suas memórias.



A foto acima não pertence ao referido acervo, pois é bastante atual, pois data de 2018. Nela estão 3 dos nossos entrevistados, portando a bandeira Etepeana, em um evento alusivo aos ex-estudantes da Escola Técnica Federal de Pelotas. Da esquerda para a direita: o quarto é Gilfredo Renck; o quinto, Antônio Renato Cunha; o sétimo, Flávio Moura.

Para uma instituição como o IFSUL, o “valor” das informações coletadas de sua agremiação musical, após 50 anos dos acontecimentos, é inquestionável, pois ajudam a guardar a memória do educandário. Visitar os bastidores dos Possantes – nome pelo qual a Banda era conhecida – é compreender a atmosfera Etepeana de outrora.

O leitor perceberá nas falas dos entrevistados o carinho que têm pela Banda Marcial e pela Escola Técnica. No mais, vale a pena lembrar que as entrevistas são fluidas e que, por isso, os entrevistados às vezes trazem à discussão questões contemporâneas, sobre as quais os pesquisadores se eximem de dar opinião.

A seguir, apresentam-se as entrevistas transcritas. Cada uma delas é antecedida por uma breve apresentação dos ex-integrantes que as concederam.

Complementa este livreto a relação completa dos participantes da Banda na época pesquisada, retirada do Relatório Institucional de 1971, também encontrado no Acervo Permanente do IFSul.

Entrevistado 1: Flávio Moura

Estudou na escola de 1962 a 1970, cursando Mecânica Industrial. Foi membro de naipe de sopro da Banda Marcial durante todo este período. Atualmente é aposentado. Trilhou sua carreira profissional como Técnico de Segurança do Trabalho, concomitantemente à vida de músico profissional, passando por diversos Conjuntos Musicais de Pelotas e região. A entrevista foi concedida em sua residência.



Entrevista: Flávio Moura (M)

Entrevistador: Rafael de Souza Velasco (R)

Pelotas, 18 de Janeiro de 2019

Tempo da entrevista: 22'33"

Local: Casa do entrevistado

R: Seu Flávio, conta mais sobre a trajetória da Banda na época em que fizeste parte...

M: Eu entrei, Rafael, pra ETP em 1962. Como eu já tinha tendência à música, já tocava [...] comecei a tocar música lá na época em que eu fui [...] me criei em um internato, no exército de salvação, que era lá nas Três Vendas, aprendi alguma coisa de música com o maestro Norberto Nogueira Soares, que era maestro da Banda Democrata, que foi uma banda centenária daqui de Pelotas [...] ainda existe essa banda, né?! Com dificuldade, se arrastando, mas existe [...] Mas em 62 eu, por dificuldade financeira e tudo mais, aí eu entrei pra ETP para ter uma formação profissional. Mas como eu já tinha algum conhecimento de música, foi bem fácil, bem fácil: já encaixei na banda e a Banda da Escola abriu tudo que foi horizonte para mim, me ajudou bastante. Basta ver que até serviço dentro da escola eu consegui, através da Banda da Escola, através do professor Olivério, que era um incansável pela Banda, uma pessoa que foi um pai pra maioria dos componentes da Banda, que muitas vezes não tinham dinheiro pro ônibus pra ir pros ensaios, pra ir pras apresentações, ele pegava a Kombi da escola e ia buscar a gente em casa. Daí, em 62 entrei pra Escola, entrei pra banda - que na ocasião, eram só Fanfarras.

R: Fanfarras?

M: Eram só Fanfarras. Eram apenas 4 fileiras de instrumentos, né?! A Banda eu acho que terminou com 6 ou 8 fileiras. Mas naquela época, a Escola oferecia o Ginásio Industrial e mais um Curso Técnico. Então, a gente entrava mandinho, como se dizia na época né?! Entrava pequeno para o ginásio e já começava a gostar da banda e ali ia pegando aquela semente, aquela raiz [...] aquele coração pela banda. E foi o que aconteceu comigo. Aí eu entrei na Fanfarra, que eram só 4 filas [...] eram basicamente cornetas, que tinham uma limitação musical: corneta [...] notas com acidente, não têm. Determinados tipos de música dobrados, feitos pra isso [...] baseado mais no estilo marcial, mesmo [...]

Dobrados marciais, pra marchar, pra incentivar a marcha no tempo em que se desfilava, onde o civismo era bem acentuado. Tu tinhas que te preparar pra semana da Pátria e tinham ensaios e a ordem unida, a gente treinava a ordem unida na banda, que é tu marchar de passo certo, é tu obedecer o sinal pra dobrar à esquerda, dobrar à direita, né?! Então, a ordem unida, além da parte musical, também fazia parte. A postura, a postura pra tu marchar, era com vigor. Não era aquela coisa de tu tocar desleixado, né?! Tinha que ter postura, tinha que ter firmeza.

Aí, eu comecei na fanfarra, que era a Banda de Corneta, comecei tocando Cornetão. Era Corneta, Cornetão e o Clarin. E os instrumentos de percussão. Era bumbo, surdo, caixa, prato [...] basicamente, era isso aí.

A banda tinha um carisma muito grande, que a gente quando saía dos ensaios, saía da escola, se fazia ensaio à noite, né?! E era uma verdadeira multidão atrás, naquela época que era Fanfarra, já. A gente saía dos ensaios, saía da escola, ia até o Porto e voltava, tocando pra firmar a cadência, pra firmar a embocadura, firmar o instrumento de percussão. Então, a época da fanfarra foi básica pra chegar onde chegou a banda, até ganhando concursos a nível estadual e brasileiro. Nessa época o uniforme era rigoroso, tinha de estar passadinho, bem alinhadinho. Era tudo feito lá na escola [...] isso quando a banda já passou da fase de Fanfarra

e se tornou mais marcial, com dobrados [...] aí entrou piston, trombone. Aí a banda tomou outra formação, mais musical, mesmo. E aí, nesta ocasião, quando vieram os instrumentos melódicos, vieram instrumentos todos sem estojo, sem proteção [...] foram feitos todos na marcenaria da escola. Uniforme da banda era feito na escola, sob medida. Tinha um alfaiate que fazia: barretilha, polaina - que era uma proteção pro calçado, branca -, jaqueta estilo banda americana, né?! Então, aí a banda tomou outra formação, mas não perdeu aquela fibra, aquela garra. Acho que até incentivou mais, essa maneira, essa postura da escola, sempre foi seu destaque, este vigor nas suas apresentações.

R: Poderias comparar a tua geração com a geração de hoje? Em relação à Escola, ao trato com a família, estas coisas que estás me dizendo, da ordem que se tinha [...] se hoje existisse uma Banda Marcial? Hoje poderia existir uma Banda Marcial na Escola? Será que os valores são os mesmos?

M: Eu acho que hoje já ficava mais complicado, porque como eu te expliquei: naquela ocasião, a escola oferecia o ginásio, passava todo o tempo de ginásio, tu entrava no curso técnico, tu pegava a raiz. Tu pegava a raiz. Com o término do ginásio, tu já pega o pessoal mais adulto. Aí fica difícil fazer dessa maneira. Já tem outras prioridades, já se torna mais complicado tu formar um grupo de raiz.

R: Demandavam muito tempo os ensaios? Demandava muita dedicação, muito tempo para fazer parte da Banda?

M: Não, os ensaios eram quando se aproximava a Semana da Pátria, realmente se intensificava mais. Ensaio geral eram 2 por semana. Mas o pessoal vivia na sala da Banda, porque o Mestre estava todos os dias lá.

R: O Mestre era o Mór?

M: Não, não. Tinha um instrutor musical e tinha um Mór. O Mór se preocupava com a condução da Banda, com a ordem unida, com o uniforme, com o instrumento em dia. O Mór era isso: conduzir, carregar o bastão pra orientar quando deveria iniciar a música, quando deveria [...] qualquer movimentação no grupo, ele que era o comando, o Mór da Banda. E o instrutor musical era aquela pessoa que se preocupava mais em dar formação musical, ensinar como tocar, como fazer o repertório, a harmonia. Esse era o cara responsável por tudo isso daí. Então, por isso que eu te digo que se passava mais tempo dentro da escola. Pegava o Ginásio mais o Curso Técnico. E hoje só com 3 ou 4 anos, é difícil tu fazer um grupo de formação, pois música não é uma coisa [...] se tu tem o dom, fica bem mais fácil. Mas tu não pega muita gente com o dom, assim de tu apresentar o objetivo: “Bom, o que nós vamos fazer musicalmente é isso daqui, dobrado tal”[...] e a pessoa com o dom de sair mais ou menos costurando aquilo ali.

R: Fala mais sobre a Semana da Pátria. Tu me disseste que se intensificavam os ensaios. Como era a Semana da Pátria?

M: A semana da Pátria era o ápice, era o alvo máximo nosso: tanto dos alunos da escola, quanto da banda. Havia uma preparação intensa pro desfile da semana da pátria. Era algo. Era uma coisa com um significado, né?! [...] muito civismo, muito amor ao que se fazia, à Pátria. E o 7 de setembro era a data máxima. Então havia uma preparação, ensaio dos pelotões para marchar, todos [...] tinha ensaio para a marcha. O pelotão de Porta-Bandeira era um show. Eram seis: a bandeira nacional na frente, a bandeira da escola atrás [...] dava gosto de ver a marcha. E a banda, nem se fala. A Guarda era o cartão de visita porque, depois do pelotão de Porta-bandeira da escola, vinha a banda marcial com todo o seu garbo. Aquela marcha tudo de passo certo, passo de ganso que se chamava, levantava lá em cima e batia “pá”, pra quem tava escutando, pra quem tava assistindo, se contagiasse, se sentisse lá dentro do desfile. Era aquele andamento firme, marcado e a cadência da banda trazendo a [...] não dá pra explicar a emoção que a gente sentia na semana da pátria. E quem tava assistindo também se

contaminava com aquele clima, né?! Na hora do hino nacional, todo mundo se perfilava, ficava na posição de sentido, tirava a sua cobertura da cabeça. Hoje nem isso se vê mais, cara! Aquele respeito pela sua pátria, pelo seu torrão, pelo seu torrão natal, onde nasceu, aquele fervor da tua terra, de ser um patrimônio teu também. E tu ter aquele amor. Hoje, tu não vê. Hoje, infelizmente, toca o hino nacional e a maioria fica meio que ali, de braço cruzado, alguns né?! Tu tem que pedir pras pessoas ficarem em posição.

R: A que o senhor atribui isso? Por que antes existia este amor pela Pátria e hoje...

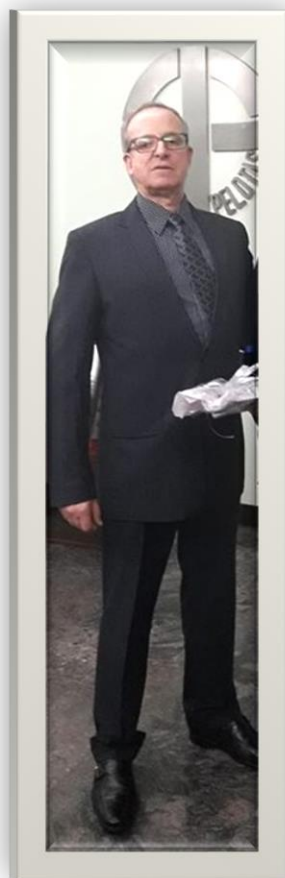
M: Olha, basicamente pela maneira que a pátria vem sendo conduzida, por pessoas que não têm essa afinação com que os valores têm que ser, tanto sociais como financeiros, deveriam pertencer a todos, deveria ter um padrão de divisão econômico. Então parece que distorceu um pouco porque muitos acham que têm que haver minorias privilegiadas, daí dá este tipo de distorção que se vê hoje, onde uns têm muito e outros têm muito pouco. Bastante na mão de poucos e os outros ficam sem incentivo à educação. Tu vê, o objetivo da Escola foi pra favorecer quem tinha menos condição, mas de um tempo pra cá, está como a nossa pátria: elitizou. É difícil tu ter uma educação de base, boa, pra tu ingressares em uma escola de nível bom, pois a educação não te dá suporte para entrares em uma escola de nível bom, pois tu tem que ter “cursinho” pra poder entrar pra um bom estabelecimento, hoje. E a maioria do nosso povo não tem como patrocinar um “cursinho” pré-vestibular pra entrar pra uma entidade como a Escola hoje. De um certo tempo pra cá, muita gente entrava pra Escola por que davam suporte bom pra fazer um vestibular de qualquer universidade: vestibular pra Engenharia, pra qualquer outro tipo de curso superior. Entravam pra Escola pra isso aí.

Na época da Banda, tinha valores familiares, no meu modo de ver, pois eu ainda consegui dar uma educação dentro de um certo padrão, não digo de rigor, mas uma educação norteada para que meus filhos fossem pessoas de bem. Isso veio pelo exemplo que eu recebi lá na Escola, que tinha esse padrão de conduta, não vou dizer que fosse um padrão de conduta militar, mas era uma coisa parecida. Porque tu tem que ter norte na tua vida, tu tem que saber discernir as coisas, tu tem que ter parâmetro de limite. E parâmetro de limite, hoje, é fundamental pra tu ter uma família norteada para o bem. Eu vejo a coisa assim. Hoje parece que vários veículos de informação, e outros de formação, parecem que distorcem um pouco a maneira de conduzir pra que o ser humano, o filho, o aluno, eles tenham um objetivo produtivo de amor ao próximo, de não se aproveitar do que é público. O valor familiar hoje basicamente é isso aí, se distorceu bastante. Eu vejo assim. Não tem mais aquele padrão de respeito, de preocupação de passar isso para a nova geração, mesmo pelos órgãos públicos, que deveriam ter essa preocupação.

Eu tirei o tempo todo da escola morando em *casa de estudante*. Uma época faltou verba pra comida no restaurante universitário e nós almoçávamos no rancho do quartel da Brigada do Exército. Nos acolheram. Como que tu não vai valorizar? As tuas raízes, quem te deu chance de sobreviver e de não pegar o caminho errado.

Entrevistado 2: Antônio Renato Cunha

Estudou na escola de 1969 a 1979, cursando Eletrotécnica. Foi membro de naipe de sopro da Banda Marcial durante todo este período. Atualmente é Empresário do ramo de segurança patrimonial na cidade de Pelotas. A entrevista foi concedida em sua empresa.



Entrevista: Antônio Renato Cunha (C)

Entrevistador: Rafael de Souza Velasco (R)

Pelotas, 18 de Janeiro de 2019

Tempo da entrevista: 1h 9' 40"

Local: Empresa do entrevistado

C: [...] o Bonat (ex-diretor da ETFPEL) disse: “eu vou investir em uma banda pra escola”.

R: Bonat? O que tem um pavilhão (no IFSUL) com o nome dele lá?

C: Isso. Então, ELE foi a Brasília, comprou tudo e em 1970 a gente já tinha sax, sax soprano, saxofone, escaleta, clarinete, flautin, pífaro, fora os outros instrumentos [...] já em 70, a Banda tinha o nome de Marcial, mas tinha os instrumentos todos de Musical: contrabaixo, já tinha tudo isso, entendesse? E tudo feito na escola. Quem era o maestro da Escola? Tenente Azamar. Foram buscar lá dentro do exército, o tenente do exército pra [...] entendesse? Que tinha o suporte do Olivério, que morreu [...]. Tchê, hoje daria? Dá. É só fazer as coisas do jeito certo. Mas, quem é que sabe? Tu, mais meia dúzia. E agora, com esse cara (Bolsonaro, presidente eleito do Brasil), que tem uma visão, que tem um exército [...] tem orientação. O Flávio (Moura, colega de banda e um dos entrevistados desta pesquisa) conseguiu passar pros filhos dele, os dois [...] a música e a Escola é o que ele tinha de referência, sem a rigidez, pois os tempos mudaram, ele conseguiu: um está no exército e o outro é músico. O baterista do exército hoje é o filho dele. Então é por estes princípios que tu tens, que nós tivemos, que a gente sabe das coisas, entendesse? Hoje dá sim! Mas tens que botar a pessoa certa.

[...] O cara entrou pra escola e trouxe o Tenente Matoso, dos fuzileiros navais, veio aqui, ensinou a *Evolução do Matoso* e com isso tínhamos a evolução de 148 elementos fazendo isso. Tinham um Tenente, que foi buscado nas forças armadas, entendesse? Coisa de conhecimento. Eu tava vendo a troca da guarda estes dias, pô, aquilo ali fazia mais de 20 anos que eu não via [...] na troca do governo, agora, lá [...] os caras nem iam trocar mais [...] Hoje voltou a troca de novo, com todo o garbo, a marcialidade, a pompa, as duas bandas do exército tocando. Aqueles toques de Clarim. Aquilo é que é o ideal. Não é o que eu quero, nem o que o outro [...] tem que ter hierarquia. E aí o que tu tem hoje?

Tu, por exemplo, tens o referencial do teu pai, estás procurando neste velho aqui. Tu tá dentro da Escola que deveria te dizer isso tudo, te dar isso tudo. Não! Tu tá buscando lá fora, tendo uma estrutura daquele jeito. Se tu pudesse, tu como músico, se tu me permitir [...] se tu pudesse montar uma Banda dentro da Escola, tu faria mais. Mas tu ia querer deste estilo: uma coisa decente, entendeu? Lá (nos anos 70), se tu olhasse pro lado, o teu amigo te tirava fora da Banda [...] o Olivério [...] nós ensaiávamos embaixo e ele ficava lá em cima, cuidando [...] ensaiando, cara [...] o cara olhava pro lado, ele descia correndo e te tirava o instrumento, o uniforme e te dizia “tu não entra mais”. E “deu pra bola”, era assim que funcionava, pois tinha 50 elementos de reserva.

R: Quem era esse rapaz que ficava em cima? Era o Mór?

C: Não. Era o Olivério Villas Boas. Ele que tomava conta de tudo: dos instrumentos, dos uniformes. Ele não fazia, tinha o Seu Teco que fazia. Mas ele tinha uma carga na banda. O maestro só cuidava das músicas. Porque não dava pra ensinar música naquele tempo. Ele era o coordenador geral da Banda. Ele morreu em um acidente na frente da escola, com um Fuquinha, me lembro como se fosse hoje: sábado de manhã, dia 10 de abril de 1972. E muitos atribuem a morte dele por causa da banda, os antigos. Não “por causa da banda”, mas em consequência de ele estar sempre envolvido, estar sempre querendo mais. Tu fazia “aqui” e o

teu próprio colega te tirava, o Olivério descia correndo: não tá mais aqui, entendeu? Não vai sair mais e tá pronto. O Lourival, o Lourinho, eu herdei a Corneta dele. Mas o meu pai me tirou da Banda, eu tive que sair da Banda e aí perdi o meu lugar. Aí eu “briguei” comigo mesmo e disse: eu vou entrar. Aí eu chegava em casa com o instrumento, eu tinha que entregar para a minha mãe pela janela, eu tinha que esconder o instrumento, justificar por que eu cheguei mais tarde, porque eu passava todo o dia na internado na Escola. Aí eu quis entrar e o Azamar me disse: “agora não temos mais instrumento, só tem uma Corneta pra ti”. Com 13 anos eu fui tocar Corneta. Eu não sabia nem soprar e ele não me ensinou, ele só me disse: “eu não quero ouvir esse barulho nos meus ouvidos, vai ensaiar lá no campo”. Fui lá pra baixo e “bá, bá, bá”, nada! Sem embocadura, eu não sabia como fazer. Tinha o Eurico Costa, que era o Corneteiro oficial da Banda da Escola. Eu tentando soprar aquela p*** e nada. E o Eurico chega em mim e mostra: “é assim, ó, que faz a embocadura”. E virou as costas. Aí, de manhã eu tinha algumas horas vagas e de tarde. E eu “dê-lhe” a ensaiar. Aí o Azamar viu e veio rápido, porque tudo era intenso, era intensa a coisa [...] então hoje “ah o cara é saudosista, quer uma banda de novo, já passou. Não passou não! [...] é pra tu ver a força que tem a Escola. Hoje, eu tenho a chave dos clientes (é dono de uma empresa de segurança). Eles vão viajar, toca o alarme pra mim e eu entro na casa deles nos momentos em que eles não estão, cara. Com a chave deles. Para aí um pouquinho! Isso é sério demais, entendesse?! Então, hoje, o cara não entra sem filmar que tá entrando [...] essas condutas, eu tirei lá de dentro da Escola, entendesse?! O quê que é correto? O quê que é correto? Tu não vê mais em lugar nenhum. Então a gente tá criando cursos no SEST SENAT, com uma instrução boa [...] não sei se tu conhece. Tchê, lá, pra tu ter uma ideia, a parte odontológica tem 6 cadeiras de mármore [...] to falando em condição, não só em valor. Hoje eu pego lá o Carlos, que é um cara que tem uma formação, que também foi da Escola – mas que só tirou o Técnico, que são só 3 anos, que é diferente –, a gente entrava pra lá com 12, 13 anos, não tinha nada, não chegava nada. Eu, quando ouvia barulho de música, sempre fui louco por música, tchê, eu não sabia nada, não conhecia nada. Aí eu cheguei no saguão: “Bum! Bum!”, a banda tocando. Corri lá no fundo e aquela Banda tocando e eu: “Bah, é isso que eu quero!” Ah, fui atrás. E não teve.

Ele viu que eu queria. Ele viu que eu queria tocar, o Azamar. Um pouquinho antes. Nós ensaiávamos, nós tínhamos tempo pra isso, ensaiávamos com os reservas. Os reservas eram em torno de 50. Então era um naipe de Corneta, que era o meu, que tinha 10, 12 reservas. Então nós ensaiávamos só de tarde, pra não incomodar os outros, que já eram titulares. Ensaiando lá, tocando todos os dias [...] eu no meio, mandinho, tocando ali. Tinha tudo decorado, certinho, batidinho, né tchê?! Aí, um elemento de Clarim, que não era reserva, o Paulinho, chamou o Lourival – que casualmente era o chefe de naipe das Cornetas –, nem participava daquilo dali, disse: “ouve! Ouve esse guri aqui!” Aí o cara botou o ouvido na minha Corneta. E eu, claro, com todos os dobrados batidinho, né?! Corneta. E o cara, tchê, terminou o ensaio, me mandou: “vai lá no Olivério e pede um uniforme pra ti!”. Eu dava pulo dessa altura aqui! E no outro ano, eu já tava tocando Piston, de ouvido. Que que o Azamar fazia comigo? Não sabia música, eu só tinha embocadura. E tinha um ouvido desgraçado. Ele escrevia aqueles dobrados, escrevia a música e botava os números dos pistos na nota. Pegava a flauta dele e íamos lá pra Sala de Honra, lá no fundo, que agora não tem mais: “pararara-rarurá”. E eu decorava. Eu tocava todos os dobrados assim. Entendesse?! E deu um ano para o outro eu tava incluso no naipe de Piston, pra teres uma ideia. Entrou o José Milton Fossati da Costa, que veio da Banda do Gonzaga, fazia o ginásio lá e veio fazer o técnico na Escola. Ele não gostava. Preferia a Banda da Escola. Nós todos tínhamos nossas restrições com ele, por quê? O cara era do Gonzaga e queria tocar. Começou a encher o saco e o Azamar deu uma Corneta pra ele. E nós ficamos assim: ele nunca tinha pego uma Corneta, no caso. O cara começou a tentar tirar o sopro, tentando, tentando. Soprava. Nós já tava enjoado com o cara. Daqui a pouquinho nós começamos a notar o quê que ele tava tentando tirar na Corneta. E não tem pisto e ele nunca tinha pego uma corneta. No primeiro dia e na primeira vez que ele tava tentando [...] era a música “Love Story”, na Corneta. E eu: “peraí um pouquinho, Tchê, faz de

novo, me diz a música que tu ta querendo tirar”. Até hoje o apelido dele é Love Story. Aquilo ali criou uma amizade, e aquele comprometimento que tínhamos um com o outro [...] no outro ano ele saiu com um Piston e eu com outro, um em cada ponta. Eram 18 Piston. Nós saíamos oitavando porque a gente treinava mais do que os outros. Imagina tu ensaiar em um campo e entrar em uma avenida? Aí tu sai rasgando! Hoje todo mundo conhece ele por Love Story, por causa da Banda. Hoje ele mora no Rio de Janeiro desde 77, quando ele se formou. Ou ele vem aqui ou eu vou lá, entendeu? Pra teres uma ideia, em 86, montamos o pessoal da banda de novo e fomos a Santa Catarina e fomos Campeões Nacionais [...] os mesmos dobrados que nós executávamos no tricampeonato lá em 70. Juntamos ali, fomos lá, alguns ensaios e de novo.

R: Como que foi esse Tricampeonato em 70?

C: Bah, isso aí foi uma coisa à parte. Foi em Porto Alegre, né?! Não tem explicação, a Banda já estava formada desde 67, 68, 69 e existia aquilo que falei agora há pouco: existia um comprometimento. Ninguém era obrigado, nós fazíamos por gosto. Imagina tirar alguém. Aquilo a gente fazia por vontade própria. Então aquilo era normal. A única diferença: a seleção tinha sido campeã em 70 e tinha aquela música [...] da seleção [...]

R: A Taça do Mundo é Nossa?

C: Não, não. Pra Frente Brasil: “parararãrara-pam-parã-pam”. O que que nós fizemos, imagina, com 148 elementos, fizemos a evolução com o formato da taça, entendeu?! Tinha uma marcação, de Tarol. Tinha um rapaz que fazia todas as marcações da Banda só com o Tarol. Aí tocávamos os dobrados, a sequência especial que tinha pra passar na frente da comissão, que tinha uma cadência definida pra aquilo dali [...] e a Banda, os primeiros que entravam, já começavam a formar, cara. Quando entravam, a taça era formada. Tu olhava de cima, tu via a taça. E nós tocando a música. Aquilo acabou! A marcialidade, o garbo, o negócio de marchar tinha conduta própria, entendeu?! Era os dois braços e as duas mãos. Não tinha aquela coisa de tá “cavocando”. Nem o exército faz isso hoje, não fazia. Era outra coisa. Vinha a Guarda de Honra e te puxava. Enquanto não tinha a Banda, era só com o pé, pra tu ter uma ideia, que eram 6 elementos. Atrás, um pelotão de honra, só de evoluções [...] todo mundo naquela mesma pegada. Existia uma marcialidade, porque como tu vais marchar sem ser marcial? “Ah, porque é de exército”, mas É marcial. Hoje é cara olhando pro lado, até os caras dos fuzileiros navais fazendo isso.

R: Então, tinha traços do Exército na Banda?

C: Não. Traços, não. Era total. No meu ponto de vista, o Azamar mandava fazer assim e assim é que tinha que ser, entendesse?! Tanto é que se ensaiava inclusive os pelotões, que não tocavam. A gente ensaiava de dia e eles ficavam em posição de sentido com a “cara para o sol”, não tinha fazer corpo mole. E não te deixavam sair dali enquanto tu não fizesse certo.

R: Tinha um Pelotão, que não tocava...

C: Só tocava a Banda. O resto eram integrantes da Escola, os alunos da Escola.

R: Alunos da Escola que não tocavam e faziam parte do desfile...

C: Sim, eu tenho um acervo de fotos onde tu vais ver isso tudo, ali [...] mas mudou tudo, modificou toda a Banda, não coube mais. Então, esses valores se deterioraram, se perderam...

R: Quais são os valores que tu achas que devem retornar?

C: Familiar, primeiro. Hoje, infelizmente, a geração de hoje, com raríssimas exceções. Tem gente que sabe e não quer fazer isso, pois é uma mistura [...] Família: o que é certo e o que não é. Tem que ter rigor? Tem! Tem que ter limite? Tem! Todos os limites. Como é que tu vais

ensinar uma criança? Botando limites. Não precisa bater! Eu nunca apanhei um tapa do meu pai. Mas o que eu levei de castigo, sentado num cantinho, tu não imagina. Ele só olhava pra mim e eu já sabia que iria sentar ali. E eu só saía dali quando ele me mandava. De brabo, eu ficava sentado, chegava a me adormecer aqui pra trás. Quando eu entrei na Escola, “pá: é tudo que eu quero!”. Pega um cara do exército e bota doutrina em cima, em todo mundo. Tanto é que quando eu saí da Escola, em 77, fui trabalhar fora e me deparei com um mundo já deturpado, totalmente fora, com os valores que eu aprendi dentro da Escola, eu não podia encontrar lá na rua. Eu não aceitava e não aceito até hoje [...] e ainda, veja bem, Graças a Deus, esse é o princípio, pra mim, o primeiro é Deus, cara, se tu não tiver isso na tua frente, tu acaba com tudo. Tu começa sem nada. Graças a Deus, hoje, eu tenho um trabalho, sou um trabalhador que não depende de sonegar pra sobreviver, embora todos estes absurdos [...] consigo viver normalmente, dentro do possível, dentro do que é correto, e poder vivenciar isso, ser exemplo pro meu filho, pros meus netos. A coisa que mais tenho pavor de ouvir é: “isso não dá nada”. Dá e dá grande. É por isso que nós estamos desse jeito.

Dá pra fazer de novo a Banda? Dá! Tem que ter pessoas que queiram. Os professores remanescentes, nós carregamos eles juntos conosco e muitos deles nos carregam ainda, tipo o Gilfredo, o Jorge Moraes, a gente tá sempre junto com eles, pois são referências [...] amamos esse pessoal que nos ensinaram as coisas corretas quando nós precisamos. Hoje, o meu pai não existe mais e é tudo como ele dizia. Tudo tem a ver com a Escola e, mais precisamente, com a Banda. Pois a gente tinha 2 atividades dentro da escola: a escola propriamente dita e a Banda, que era extraclasse, não tinha ninguém obrigado, era vontade própria, era uma união muito grande, a gente passava muito mais tempo junto, entendeu?! Hoje, passa 40 anos, tu chega em São Paulo, tu encontra um cara que estudou na Escola. E se tu precisar entregar 10 mil na mão dele pra fazer um negócio, tu pode entregar sem recibo e deu: não se conversa mais, tá feito! Só se ele morrer. E se ele morrer, ele vai te avisar: “Morri, viu?!”, ou então “Morri, avisa o fulano”. É assim que tem que funcionar. Tchê, eu já tenho um respeito e um carinho por ti, pelo teu pai – que é lá, antigo. Então isso é pessoal. Se não tiver esse tipo de valores, de referências, como é que nós vamos querer formar uma banda daquela forma, com isso que tá aqui. Dá, mas tem que modificar tudo.

O rigor, a rigidez, é o que dá o desenvolvimento melhor. Nunca me esqueço do Viana, inspetor de polícia, que me dava aula de eletrotécnica [...] as aulas eram de 50 minutos na época. Primeiro período, pouca matéria; segundo período, média matéria e terceiro período, abarrotado. E então ele dizia: a primeira prova é de vocês, a segunda é a nossa e a terceira é a minha. Tinha o regime, tinha! Mas nunca me atrapalhou em nada. Me “atacam” mil vezes na rua [...] eu ia no fragata, ia no cinema, voltava onze horas da noite pra Gotuzzo [...] vinha eu e mais três ou quatro elementos, voltando do cinema, onze horas da noite, vindo pra casa. “O que quer um menor, a essa hora, na rua? Fazendo o quê?” Eles (os militares) colocavam a lanterna na cara e pediam documento. – “Ah, tu é da Escola (ETFPEL), pode ir!” [...] tu conseguia circular na rua sem aquele receio que tu tem hoje [...] se tu tava numa posição meio constrangedora, estranha, já te abordavam [...] ”onde tu mora”? “Tu tem documento”? Eram questões que te davam maior segurança [...] nós tocávamos na banda da escola e eu não tinha recurso nenhum. Eu tinha que tocar carnaval pra pegar o dinheiro, e se ganhava muito bem [...] eu me sustentava com o dinheiro do carnaval, com 13 anos [...] Carnaval [...] cinco e meia da manhã, quando terminava o desfile, sabe o que acontecia com nós? Tu vai te apavorar: nós sentávamos na calçada e contava quanto é que tinha ganho, no carnaval de Pelotas [...] E a Escola, como que nós não vamos valorizar? Uma escola que nos deu todos os valores? [...] é como se a escola fosse uma casa inteira e a banda fosse o quarto, entendeu?! Onde ali acontece tudo, filtra tudo. Muitas vezes, os professores colocavam gente da banda na sua garagem para dormir, pois não tinham onde ficar. Davam almoço, pagavam ônibus, iam buscar, de camaradagem. Quando eu entrava na escola, eu passava longe do bar, pois eu não podia pagar, não tinha condição [...] E ali (na ETFPEL) nós encontramos condições pra gente. Aí,

como que vai falar de 80 pra cá, da Banda? Botaram fora, desprezaram, desvalorizaram. A própria direção da Escola [...] tem que mudar, mas o que é correto tem que se manter [...] nós tínhamos aquelas referências que nos impulsionavam e nos impulsionam até hoje [...] são princípios do ambiente em que tu vive [...] a Banda, pra mim, acabou em 79 [...] depois veio banda de CEFET, de IFSUL [...] não desmerecendo, mas nunca mais foi a mesma coisa [...] Nós resolvemos sair tudo fora (em 1979) [...] Os caras acabaram com tudo, botaram 8 fileiras de mulher na frente, carregando bandeira, não tinha mais ordem unida, mais coisa nenhuma.

Entrevistado 3: *Moisés Vasconcellos de Rezende*

Estudou na escola de 1965 a 1975, cursando Eletrotécnica. Foi membro de naipe de sopro da Banda Marcial durante todo este período. Atualmente é Empresário do ramo de construção na cidade de Pelotas. A entrevista foi concedida no IFSul – Câmpus Pelotas.



Entrevista: Moisés Vasconcellos de Rezende (M)

Entrevistador: Rafael de Souza Velasco (R)

Pelotas, 25 de Abril de 2019

Tempo da entrevista: 50' 26"

Local: Câmpus Pelotas - IFSul

R: Seu Moisés, conta mais da trajetória da Banda Marcial no seu tempo, na época em que fizeste parte [...]

M: Quando eu entrei para a Escola se falava muito em Banda [...] eu gostei, era musical e tal [...] me escrevi. Então, na época, era tudo por categorias: conforme idade, faixa etária, eles iam dando um instrumento. Então, na minha faixa etária era Pífaro, uma flautinha, entendeu?! Tinha o professor Azamar, que tinha aquela paciência, né?! A gente não sabia nada [...] aí passamos 2 anos tocando Pífaro. Depois, o professor começou a distribuir outro tipo de instrumentação, aí passaram pra Clarinete [...] depois eu toquei Bombardino, que é outro instrumento de contracanto, e finalmente Trombone. Neste meio tempo tivemos diversas surpresas agradáveis: certa vez, no primeiro Concurso Estadual de Bandas, em Porto Alegre, no ano de 1966 [...] novembro de 66 [...] nós tivemos de pernoitar na Escola. À noite, ninguém dormiu, foi uma bagunça total no alojamento. Saímos 4 horas da madrugada, chegamos em Porto Alegre, a nossa apresentação era às 10 da manhã, todo mundo dormindo em pé, cansados. Então, foi um desastre a nossa apresentação. Não conseguimos nem nos classificar entre os 10 primeiros colocados [...] essa foi a primeira. Depois, aí sim a Banda foi progredindo, progredindo [...] e aí no ano de 67, estávamos a fim de melhorar, de fazer uma coisa mais assim, de impacto. Então, a Escola trouxe um Sargento dos Fuzileiros Navais, chama Sargento Matoso, que deu bastantes instruções marciais que ele trouxe lá dos Fuzileiros Navais, né?! [...] então ele conduzia [...] a educação musical ele trouxe aqui pra dentro e a Banda deu um salto de qualidade fantástico. A partir daí começaram as conquistas. Em 67 foi o primeiro título estadual. Então, a Banda era uma atração [...] aquelas evoluções que se fazia, que ele trouxe lá do Rio de Janeiro pra nós, foi de grande utilidade e todo mundo parava pra ver a Banda da Escola, filmavam – com aquelas máquinas antigas, né?! Era a atração sempre. Então, foram anos gloriosos: 67, 68, depois 70, que culminou com o tricampeonato da Banda. A partir daí, a Banda tomou um crescimento e foi a nível nacional, começou a participar de campeonatos nacionais. Então, a primeira vez que fomos a São Paulo foi em 72, fomos muito mal. Até se conta uma história sobre o Professor Ronaldo, que a Banda estava desfilando e chegou o pipoqueiro e falou pro Ronaldo: “o teu tempo estourou!”. E o Ronaldo retirou a Banda faltando 10 minutos de apresentação.

R: Antes de terminar realmente?

M: Isso. Nós saímos um pouco antes para não estourar o tempo, porque a partir dali eram descontado pontos. E o Ronaldo achou que o pipoqueiro era alguém da comissão e retirou a Banda. Foi um fato pitoresco muito legal na época. Depois, outro ano nós fomos a Osasco. Daí a Banda foi bem melhor, foi 3º ou 4º lugar, não sei te dizer. Mas foi uma trajetória da Banda muito legal, a partir deste crescimento que eu te falei, do Sargento Matoso em 67, a Banda teve uma ascensão incrível.

R: E quem é que trouxe este Sargento Matoso?

M: Foi a direção da Escola mesmo. Na época, tinha o Conselho de Representantes da Banda e fazia parte o professor Gabriel Mota, a outra [...] que foi vice-diretora [...] não lembro o nome dela [...] bom, não vem ao caso. Esse Conselho de Representantes trouxe este Sargento. Ele teve um mês aqui em Pelotas. Os ensaios eram no campo de futebol da Escola.

R: E em 1 mês ele conseguiu [...]

M: Mas nós tínhamos ensaios quase diários. Qualquer folguinha tinha ensaio da Banda. Domingos pela manhã, à noite – tanto dentro do auditório como nas ruas também.

R: Isso era sempre ou era neste período de 1 mês?

M: Não, a partir de março os ensaios começavam e até nas férias tinham. No meio de ano, tinham marcado Ensaios Gerais. E o comparecimento era grande. A Escola, pelo tipo de aluno, era de classe média pra baixo. Então, ninguém tinha condições de viajar em férias, nem nada, né?! Então o pessoal aproveitava o que tinha de diversão. Muitos aproveitavam a Banda por não ter condições de comprar um fardamento para desfilar na semana da pátria, um uniforme. Então, o pessoal aproveitava que a Banda tinha uniforme gratuito, né?! O pessoal aproveitava.

R: E quem é que fazia estes uniformes?

M: Tinha a Alfaiataria aqui na Escola, inicialmente. Até tinha um senhor [...] não lembro o nome dele agora [...] tinha um alfaiate. Depois foi mandado confeccionar, se não me engano, em Porto Alegre. Aí já vieram as Barretinas, aquela túnica com o peito [...] de sobrepor [...] virava, atravessado. Passou a confeccionar-se fora. Mas os uniformes antigos eram fabricados aqui na Escola mesmo. Inclusive, muitos instrumentos como o Tarol, coisas desse tipo [...] o Repique, eram feitos na Escola, em suas oficinas. Tinha o professor Olivério Villas Boas, que era o “eterno presidente da Banda”, né?! Professora Maria Ripoll que dava muita força, na época. O professor Olivério era o coordenador da Banda, era professor de Artes Industriais, que na época tinha. Ele cuidava, trocava peles de bumbos [...] quando furava ele providenciava a troca.

R: Esta foto aqui, representa uma homenagem para ele?

M: Sim. Ele veio a falecer na frente da Escola. Ele tinha um Fusquinha, ele vinha e teve uma parada cardíaca. Ele perdeu o controle e bateu no poste defronte ao Bar do Ramão, que tinha aqui na frente. Então o professor Olivério faleceu na frente da Escola. Se quiseres maiores informações, tem um filho dele que tem um posto de gasolina na Osório esquina Antônio dos Anjos: o Elcídio Villlas Boas.

R: Em que época exatamente fizeste parte? Quem era o Mór?

M: Eu fui de 65 a 75. 10 anos. Até 68, o meu Mór era o Roraí: Roraí Pereira Martins, falecido também. Depois teve o Pinheiro: Luís Carlos Pinheiro, foi meu professor e também foi Mór. Depois assumiu o Ronaldo: Ronaldo Moreira da Silva. Eu encerrei com o Ronaldo.

R: E em 70 foi o Tricampeonato [...]

M: Sim, o Tricampeonato.

R: Me conta mais sobre ele. Entendes que foi o auge da Banda? Foi antes? Foi depois?

M: A Banda vinha já num nível [...] bem nivelado, parêlho. E naquele ano, tinha uma música, que era da Copa do Mundo [...] 90 milhões em ação [...] Prá Frente Brasil, e naquele ano que estourou aqui e em Porto Alegre também. O pessoal queria escutar a Banda tocar aquilo ali. E nós entramos direto na Borges de Medeiros, na descida, tocando esta música. Então foi um espetáculo, fantástico. Não havia nem condições de avaliar. Iam excursões aqui de Pelotas [...] além dos membros da Banda [...] simpatizantes. Dez, quinze ônibus daqui para Porto Alegre para assistir aos concursos de bandas. Na época era uma coisa bem marcante aqui na comunidade, as bandas em si, né?! Tinham os adversários também.

R: Neste Tricampeonato tinham adversários de Pelotas também participando?

M: Tinha. O colégio Gonzaga, uma grande banda também.

R: Eram Gonzaga e Escola técnica, apenas?

M: Sim. Eram os expoentes. Tinha um Mór, muito fanfarrão, do Colégio Gonzaga: o Chuteca. Então, o argumento que ele usou para justificar a perda do título para nós foi “os grandes também caem”.

R: O principal rival da Escola Técnica eram [...]

M: Os Galinhas Gordas. Em termos de banda, sim. Sempre foi. Inclusive, o nosso primeiro título em Porto Alegre, eu lembro que a gente estava no Largo do Mercado, íamos fazer o desfile da vitória e vieram os membros do Gonzaga, entraram correndo no meio da Banda, nos abraçando, nos parabenizando pelo título. Uma atitude muito bacana. Isso foi em 67. A rivalidade era muito sadia, era boa. Eles saíam, jogavam ovos na gente [...] bobagem de guri.

R: Quantos anos tinhas quando ingressaste?

M: Eu entrei com 13 anos [...] então o professor Azamar pegava os menores pra tocar Pífaro, instrumento de sopro simplesinho. Não tinha condições de pegar um instrumento de sopro mais forte, mais pesado. Depois de um certo tempo, a banda pegou um prestígio [...] dentro da Banda nós tínhamos reservas [...] quase uma banda inteira de reservas. Então, os caras ficavam louco que o Fulano desistisse da Banda que a vaga era dele. Tinha uma lista de espera. Eles ensaiavam e tudo, no auditório, com o professor Azamar Pinto, que era o Mestre da Banda, e ficavam aguardando uma oportunidade de entrar na Banda.

R: E quando surgia uma vaga?

M: Era raro. Só algum que saía. Na época tu só tinha o direito de repetir um ano. Se rodasse de novo, tu tinhas que sair da Escola. Normalmente o pessoal da Banda era mais malandrão. Eu digo por mim, não vou julgar os outros, digo por mim mesmo. Eu era pra estar estudando e estava ali dentro do auditório, com o professor Azamar. Em casa era aquela pressão: “não vai estudar hoje?” – “não, tem ensaio da Banda”. Dá uma nostalgia [...]

R: E qual eram os valores da Banda? Como era o ambiente, dentro dos ensaios [...]

M: A disciplina, em primeiro lugar. No momento em que o Mór levantava o bastão, era pra entrar em forma [...] acabou a brincadeira. Ele nem precisava gritar com ninguém, o pessoal já sabia [...] iam pras suas posições. Claro, às vezes a gente sugeria uma coisa aqui, outra ali [...] mas, entrar em debate, discussão, não mesmo. Se tinha aquela ordem, era pra ser cumprida. Era um regime legal, semi-militar. Era bom!

R:Semi-militar?

M: Essa parte de disciplina era muito cobrada. Até dentro da Escola, tu deve ter ouvido falar [...] dos inspetores, Seu Amando, todo mundo fala.

R: Quem?

M: Seu Amando Jorge.

R: Tu entendes que tinham traços militares na Banda?

M: Não, não. Apenas pela disciplina, que era cobrada e a gente obedecia à hierarquia. O respeito.

R: E o Moisés, como parte da Banda? Como era a tua relação com o resto da Escola? Usava uniforme?

M: O uniforme era o mesmo pra todos. Quanto à Banda, tinha apenas o uniforme especial de apresentação. Tu te sentia orgulhoso. Fazia questão de vir fardado pelas ruas da cidade, todo

mundo te olhando: “esse aí é da Escola”, né?! Era muito bom. Os próprios colegas eram os torcedores da Banda. Os que, por uma questão de opção, não eram ligados à música, eram torcedores. A Banda fazia um ensaio noturno aqui, parecia Carnaval.

R: Tinha ensaio noturno?

M: Tinha. Dava uma volta no Simões Lopes, ia pelo Centro, andava lá pela Avenida, marchando e tocando.

R: Tinha ensaio de marcha?

M: Tinha. Aí já era toda a Escola, normalmente às quartas-feiras. Começava lá em março. Quarta-feira: treino de marcha. O pessoal que estudava de manhã, era à tarde. Os que estudavam de tarde, era de manhã. O treino de marcha era com os professores de Educação Física. Passo de Ganso. Levantar o joelho 90 graus. E esses ensaios que a gente fazia, essa volta toda, era em função de pegar uma preparação física para aguentar. Imagina: sair da Escola, ir pela Barroso tocando, voltar pela Andrade Neves [...] tinha que ter um preparo físico pra fazer isso daí, não era assim [...]

R: Uma vez que entraste pra Banda, qual eram os deveres que tinhas? A Banda era obrigatória? Não, né?!

M: Não, não. Era opcional. Os deveres eram comparecer aos ensaios. Inclusive, houve uma regra que se faltasses mais de 2 ou 3 ensaios, tu era cortado, daí entrava o suplente que tava de olho na vaga. A gente com a Banda era assim: era aprender a tocar os dobrados, tudo, né?! É que ninguém era músico. No meu caso, Trombone, por exemplo, aprendia a partir da numeração: pisto 1, 2 e 3. Se fosse o 2 e o 3 era “23” a nota. Isso aí chama-se aprender a “tocar de ouvido”. A gente não tinha teoria musical.

R: E qual eram as músicas que vocês tocavam?

M: Músicas marciais, dobrados militares, música popular [...]

R: Popular também?

M: Popular, sim. Tinha uma música, uma das primeiras que tiramos, “El Presidente” de Herb Alpert’s, aquela orquestra [...] e outras músicas que faziam sucesso. Tanto é que te falei da “Pra Frente Brasil”. E tinham dobrados americanos [...] outros que eram de autoria do próprio professor Azamar Pinto [...] nos 30 anos da Escola, ele fez um dobrado muito lindo. Tinha um dobrado em homenagem ao professor Gabriel Castro da Mota, que foi o carro chefe o tempo inteiro da Banda.

R: Vasculhando o acervo, temos este recorte de Jornal, comemorando os 30 anos em 1973, no aniversário da Escola Técnica [...]

M: Não, mas [...] não. Deixa eu ver aqui [...] ah, então foi dos 25 anos [...] sim, no Jubileu de Prata, em 68 acredito eu, Jubileu de Prata da Escola.

R: Aqui temos outro recorte de jornal que diz “suspensão de alunos causa controvérsia”, se referindo a uma apresentação da Banda em que os integrantes não compareceram [...]

M: Não me recordo desta, não. Eu lembro de uma outra história, nos anos 70 também, que a Banda tinha que arriar a bandeira no Altar da Pátria, às 6 horas [...] nós tínhamos que estar na Escola às 4. Tinha um desfile em Pedro Osório e normalmente a gente montava uma banda aqui, misturado com a banda do Gonzaga, até do Pelotense, fazia uma bandinha e ia tocar lá [...] eles nos davam o ônibus e um lanche [...] e a gente ia puxar os desfiles lá. E neste dia a gente tinha combinado [...] a gente já tinha ido 2 anos lá [...] e neste dia tinha desfile da Banda e os caras disseram: “tu vai com a gente?” e eu disse: “não, eu vou sair com a Banda”, disse

eu não abria mão. Aí, beleza, sem eu saber, os caras vieram aqui de manhã, abriram a sala da Banda, onde ficavam os instrumentos, pegaram o meu Trombone e colocaram dentro de uma Kombi que iria levar o pessoal pra lá. Aí, chegando 3, 3 e meia eu ia descendo a Floriano e, quase esquina Marcílio Dias, eu vi que aquela Kombi encostou. E os caras: “Vamos embora!” E eu, digo: “Não!”, já com o uniforme da Banda, com a Barretina [...] ”não vou, não! Vou desfilar na Banda” [...] aí eles saíram. Aí quando chegaram com aquela Kombi na frente da Escola, atravessou o Ronaldo e o professor Volni Lisboa, que agora não tem as pernas, não sei se tu conheces [...]

R: Não conheço, mas já li o nome dele no acervo da Escola [...]

M: Eles atravessaram lá e pararam a Kombi: “Os alunos da Escola: descem!” Aí desceu uns 4 ou 5. Desceu inclusive um amigo meu, o Bondan. Desceram e ficaram tudo “meio jururu” e desfilaram na Banda. E a Kombi foi embora [...] e levaram meu Trombone [risos]. Eles não tiraram e me deixaram sem instrumento.

R: Pra tocar? Aí neste dia não pudeste usar [...]

M: Mas tinham outros. Mas o meu, foi naquela Kombi pra Pedro Osório.

R: E o seu Trombone, teve que comprar?

M: Não, tudo era da Escola. Desde o uniforme, o instrumento [...] tudo a Escola dava.

R: Pois era caro, né?

M: Na época até tinha mais facilidade. Inclusive nos jogos Brasileiros eu fui para Belém do Pará, jogava por aí. Tudo era por conta do Governo. Mas aí depois, pra arrecadar este instrumento [...] ele foi lá pro Colégio Gonzaga, porque o Chuteca, que era o Mór da Banda do Gonzaga, levou pra lá. Aí teve um dia que o Chuteca disse que pra mim ele não entregava. Tinha do o Ronaldo junto. Levei o Ronaldo junto. Fui eu e o Ronaldo até o Gonzaga. Aí o Chuteca se desculpou todo, que ele não tinha nada a ver com aquilo, que ele só acompanhava a turma [...] e eu disse: “só me dá o meu Trombone” [risos].

R: Como é que era a relação com o Mór assim, era boa?

M: Ah ele é irmão né? Era uma irmandade. A banda era uma irmandade.

R: É?

M: É. Claro, tinha lá uma desavença entre um que outro lá, mas era mínima, né? Mas o Mór então, no tempo do Volnei, quando as dificuldades eram maiores, até em termos de [...] de nível aquisitivo do pessoal da escola né, eles conseguiam bauru, fazer jantas, almoços. Então tinha uma comemoração da banda, era um jantar da banda.

R: Sim, sim.

M: Então, o Volnei mesmo, ele quebrava o galho de todo mundo. O que ele podia fazer ele fazia. O próprio Ronaldo não fazia mais, porque ele já tava lecionando. Então era difícil de agilizar a coisa.

R: Ah, bacana, bacana. O Ronaldo, tu ainda tem contato com ele ainda hoje?

M: Sim, sim.

R: Eu tô querendo entrevistar ele também, porque ele é um dos Mór que tá vivo. Ele [...] e o Mór era autoridade máxima da banda.

M: Da banda. É.

R: O bastão era ele que detinha.

M: É. A ordem. Com o bastão a gente já entendia tudo. Porque a gente já sabia os movimentos. Era uma coisa: pra trás outra, pra frente outra [...] “aqui” era pra desmanchar tudo [...] então a gente já sabia tudo. Ele só se limitava a fazer gestos. Mas todo mundo entendia, né?

R: E o seu instrumento então foi o trombone, a partir do pífaró foi evoluindo. Clarinete.

M: Clarinete. É. Depois eu toquei bombardino, que é um instrumento de contracanto. É um instrumento que sai aqui. Contracanto. Aí depois eu fiquei com o trombone e não quis tocar mais. Tava bom assim.

R: Sim. E aí essa ligação como o senhor colocou, foi o professor Azamar que ensinava ali, a partir desta vinda por um mês aí, que teve esse [...] o [...]

M: Sérgio Matoso.

R: Sérgio Matoso lá do Rio de Janeiro. Ele ficou um mês aqui ensinando vocês ou ensinando o Azamar assim?

M: Não, não, não. Ensinando nós. O professor Azamar, ele era músico profissional [...] ele foi Mestre de bandas em Porto Alegre, Banda Militar. Em Pelotas também, Banda Militar, do Exército. Ele era [...] ele era um músico profissional. Ele era contratado só como professor de música. E só na Banda também. Ele era exclusivo da Banda [...] não dava aula.

R: Ah, não dava aula pra ninguém.

M: Não.

R: E ele era militar, não?

M: Ele era reformado.

R: Reformado. Legal. E era ele que [...]

M: Ele chegava, ele entrava aqui no auditório, que tinha um piano ali [...] e enchia, lotava, a macacada toda descia. Porque estava ele [...] por sinal não mudou até hoje. Eu estive numa comemoração no final do ano. Mesma coisa. As mesmas cortinas [...] inclusive essa parte do bombardino foi interessante. Que um dia eu cheguei aqui pra ensaiar o clarinete. O professor Azamar: tu me empresta aqui? Eu entreguei o instrumento pra ele. Ele falou: toma. Agora é teu isso aqui. Eu falei: como professor? Do outro lado do instrumento tinha um palheta, de sopra. Eu disse pra ele: como é que eu vou fazer isso aqui? “Vais começar agora, vou te ensinar”. Aí ele me ensinou. “Tu faz assim e tal”.

R: Ele viu potencial. Queria trocar o instrumento, por um instrumento mais melódico.

M: Até na identificação. Ele precisava identificar. Porque ele ia ter pouco tempo. Ele ia perder pouco tempo com a gente. Como foi.

R: Sim. Ele já via quem é que tinha o potencial e pretendia deixar essas pessoas mais prontas.

M: Aliás, essa parte de interesse, tem uns que são mais interessados, outros mais largados. Nem sempre tem tudo. E ele via assim os mais interessados. Me largou aquilo na mão. O que o senhor quer que eu faça com isso?

R: Mas que bacana. E tinha [...] essa sua época tinha um [...] a banda era composta só por homens?

M: Só homens.

R: Mulheres não frequentavam [...]

M: Não. Até porque eram poucas as alunas que tinha na escola. Começou eu acho que em 65¹, começaram a entrar as meninas na escola. Eram muito poucas. A escola era, como se fala? Era um colégio machista até então. Machista em termos [...] e aos poucos foi entrando as meninas. Agora, a partir de 70 sim. Aí a coisa [...]

R: Sim. Começaram balizas.

M: Ah não, baliza até já tinha. Tinha uma menina, a Ivete. A Ivete Aune [...] e era desde pequena eu acho que, sete, oito anos, ela era tão pequena que o pai dela levava lá na ponta da avenida e na outra ele já retirava, porque ela não tinha [...] ela cansava.

R: Sim. E ela era filha de alguém? Era dali [...]

M: Era filha do [...] o cara era radialista aí, o Ivan

R: Ah tá, mas ela não era de ninguém da escola?

M: Não. Depois sim, a filha do doutor Bonat. Como é o nome dela? Me esqueci o nome dela². Já o Paulinho filho do doutor Bonat, que é médico, o Paulo Bonat. O Paulinho era o mascote. E a menina era baliza [...] nos últimos anos já era a filha do doutor Bonat.

R: O título do tri campeonato de 70, era como tu falaste, já colocou como que era trilha sonora. Como que fez? Como que era o desfile, assim?

M: O desfile em si era o seguinte: tinha uma marca na Avenida Borges. A partir dali começava a contagem do tempo. Eram 20 minutos de apresentação [...] então a banda era livre pra fazer o que quisesse: evoluções, uma série de coisas. Então nós tínhamos esse cara, o Sargento Matoso, na evolução só de ordem unida. Era com o Tarol até pro sinal era o Flávio que era o bumbo batendo lento e mais um Tarol, que era o Jorge Neto. Então eles faziam aquela marcação. E o resto todo da banda fazendo parada sentido, direita, esquerda, tá [...] só com o tarol e o bumbo. Então aquilo [...] andava mais ou menos, Paulo, tipo assim, uns cinquenta metros. O pessoal ficava abobado [...] e aí então, no momento que terminava aquela ordem unida, já era tudo ensaiado, tudo automático. A pessoa já dava direto num dobrado, que era esse Gabriel Mota que era sempre o primeiro dobrado. Ele era mais forte, entendeu? E era autoria do professor Azamar Pinto [...] e depois a gente fazia apresentação uns vinte minutos. Então diversas evoluções. Chegava lá no finalzinho, o Ronaldo já deixava a banda na ponta, porque era tudo controlado. E o Olivério na volta. Por causa do horário [...] aí estourava, nós já tava na saída ali.

R: E quantas bandas faziam parte desse campeonato, assim? Tu te lembra?

M: Das melhores mesmo, era as nossas daqui, as de Rio Grande, Colégio Lemos Júnior, Colégio São Francisco. Porto Alegre tinha o Colégio Júlio de Castilhos, o Colégio São João, que eram bandas maravilhosas. As bandas de Santa Maria, Colégio Irmão Leão [...] um outro colégio de freiras, Colégio Santa Maria. As bandas, as melhores na época, as *Top*. Era muito bonito.

R: Aí os jurados, eles julgavam a música, a marcha, tudo?

M: A musicalidade, a parte marcial, ordem unida, alinhamento. Tudo era [...] tu pode ver as fotos aí, o alinhamento [...] tu pode ver, o alinhamento, isso aí era cuidado. Tu tinha que cuidar aqui e do lado. Sempre te cuidando, pra ficar super alinhadinho. Visse? (olhando para uma foto

¹ Meninas passaram a fazer parte da ETFPEL no ano de 1964.

² A baliza a quem o entrevistado se refere chama-se Eliane Faria Bonat.

que estava em cima da mesa) Foi no campo da escola. Foi tirado de cima. Eu não sei se ainda tem o pórtico ali, não?

R: Tem. Aham.

M: A gente passava. Por cima dele. Foi tirado de cima do pórtico essa foto aí.

R: Aham. O pórtico [...] mudou a estrutura, mas tem [...] bacana. De organização era isso? 140? 140 e poucos integrantes?

M: É. A maior banda que nós formamos foi 145 componentes.

R: Aham. Tá. 145? E tu acha que seria possível hoje, por exemplo, ter uma banda marcial na [...] na escola?

M: Não. Desse porte não.

R: Por quê?

M: Falta de interesse. Hoje existe uma série de coisas que desviam a atenção. Existe a internet. Existe uma série de outras [...] na época [...] hoje todo mundo tem um automóvel, então essas coisas que não tinha [...] quem tinha uma bicicleta já era um cara mais legal. Então o pessoal aproveitava a banda. A gente não tinha outra coisa pra aproveitar. Não tinha grandes festas. Não curtia férias, viagens, nada. Então o negócio era a banda.

R: A banda era o refúgio do [...]

M: Sim. Porque a banda proporcionava viagens. Agora, até aqui no interior, aqui pra baixo, a gente ia a Jaguarão, esse [...] Pedro Osório, tudo servia. Era motivo de satisfação pessoal. Domingo de manhã tinha excursão da banda lá pra Canguçu.

R: Sim. E hoje tem [...] tem outras [...]

M: É. O pessoal tá por outras, entendeu? O pessoal passa as noites na Bento, na D. Joaquim, na Duque de Caxias. Então esse [...] esse pessoal não tem condições de tá oito horas da manhã aqui fazendo ensaio. Entendeu? Na época o pessoal não tinha tantas opções. Era gente mais humilde. Então botava mundo pra correr. Oito horas da manhã tinha ensaio. Era às nove. Domingo era às nove os ensaios. Nove horas da manhã. Às nove da manhã. Ia até onze, onze e meia.

R: Isso de domingo?

M: De domingo. Quase que todos os domingos tinha ensaio. Por isso que tinha essa qualidade a banda da escola. Era um treinamento. Durante a semana, individual assim, tinha [...] tinha [...] todos os dias de manhã e de tarde, o auditório ficava à disposição. O professor Azamar tava aí, à disposição.

R: Todos os dias?

M: Todos os dias. Ele era funcionário da escola. Atendia de segunda a sábado de manhã.

R: Bah [...] então bem [...] bem disponível. O pessoal procurava bastante ele?

M: É. Os malandro que nem eu [...] o cara saía de casa e vinha ensaiar.

R: Sim. [risos] Bacana. O senhor morava perto daqui?

M: Não. Eu morava na Andrade Neves esquina Padre Felício, onde tinha o Miguel Piltcher, eu me criei naquele edifício. Eu me criei ali. Então pra mim era fácil. Pegava a Andrade Neves e descia a Floriano [...] E tá na escola.

R: E a relação ali. Esse hasteamento e arriamento da bandeira, aqui da escola? Vocês tocavam nessas cerimônias?

M: Dificilmente. Aqui na escola não tinha muito isso aí, de hastear a bandeira não. Tinha uma parte iluminada em cima da torre, aquela ali, onde ficava uma lanterna na época. Era obrigado a ter bastante iluminação, que a bandeira não podia ficar na escuridão. Mas não tinha essa [...] normalmente tinha alguma comemoração cívica lá na [...] mas era muito raro. Lá no pátio, que tinha a sala da banda ali. Tinha um poste pra bandeira. Então fazia o hasteamento da bandeira. Mas era muito raro. O pessoal chegava ali e hasteava normal, de manhã. Mas não precisava de banda, nem nada. Agora, lá no Altar da Pátria sim. Lá era escala. Cada dia era uma escola. Pra hastear e outra pra arriar a bandeira, na Semana da Pátria. Aí tinha os desfiles de 20 de Setembro. O Dia da Bandeira. Tudo tinha desfile, era bom, isso era um acontecimento pra gente desfilar.

R: Sim. Tu gostava?

M: É. Muito. Até porque causa disso aí. As opções eram poucas na época.

R: E como é que se deu? Em 75 o senhor saiu do [...] do [...] da escola? Se formou?

M: Isso. Em eletrotécnico.

R: Aí nisso, o senhor deixou de fazer parte da banda?

M: Sim. Deixei.

R: Aí quais foram as atividades que o senhor foi desempenhar? O senhor sentiu falta?

M: Não. Os primeiros anos, eu queria ver a Banda. Eu ouvia a Banda. E foi no tempo da COPEL, que eu voltei, essas coisas aí. Eu chegava em Pelotas, eu queria saber se tinha desfile da banda ou não. Então teve um dia, já no tempo do Alemão, do Krüger. Aí já era CEFET. Eu cheguei, bah, uma apresentação da banda. Não tá. Mas foi horrível. Passei no Alemão. Fiquei olhando lá. Muito linda a apresentação da banda. Mas já coisa muito diferente. Já não era aquela banda marcial que nós [...] era outro ritmo. E já tinha aquele negócio que tinha um Prato aqui, um Tarol aqui. Tinha um cara tocando um troço eletrônico. Tinha uma mesa na frente dele.

R: Ah, tinha bateria [...]

M: Bateria. Uma bateriazinha. Que isso aí já não fazia parte da nossa época. Nós, era marcial mesmo.

R: Sim. Na época era marcial. Agora, aí mudou. Essa época era o quê? Anos dois mil?

M: Isso foi antes, 79 [...] Não, 80, por aí. Na época do CEFET³.

R: E o Krüger fazia parte da banda contigo ou não?

M: Fazia. Ele tocava escaleta, o Krüger. Depois ele tocou saxofone.

R: Ah, olha aí. E depois [...] nessa época, ele já era o diretor da escola?

M: Em 80 sim. Mas também já não tava [...] nesse sentido ele já [...] foi marcante pra mim. Na época eu não tinha tantas filmadoras, não tinha nada. Mas o que eu pude fazer com as maquininhas, aquelas [...] ah, guardei. Depois estragou, foi tudo perdido. Porque tudo aquilo ficou na gente. Pô, foram 10 anos. Até hoje eu falo e me emociono um pouquinho, a gente começa a lembrar das coisas. Aquilo ficou na gente. Eu tive a minha infância aqui dentro da

³ A Escola Técnica Federal de Pelotas passou a chamar-se CEFET no ano de 1999.

escola. Eu entrei pra cá com 13 anos. É lindo. E a escola tem uma coisa diferente. Eu não sei. A escola era um troço muito lindo, cara. Essa paixão que o cara adquiriu aqui dentro. Era um troço [...] do cara [...] tu vê que eu tava te comentando que até as cortinas do [...] que aquilo ficou na gente. É um vírus. Tu tá há quanto tempo aqui?

R: Eu tô aqui há 6 anos.

M: 6 anos. Mas tu não estudaste aqui?

R: Não, eu não cheguei a estudar aqui. Na época já era CEFET. Claro. Nos anos 2000 ali, no que trocou de escola técnica pra CEFET. Se eu não me engano foi em 99 que trocou, de Escola Técnica pra CEFET mesmo...

M: Foi 79? 89?

R: Não. 99, foi quando eu fui [...]

M: Era 99?

R: Era. Era. Era Escola Técnica Federal de Pelotas.

M: Era escola técnica?

R: Era. Aí eu fiz [...] e aí quando trocou pra CEFET.

M: É. Isso tudo que eu te falei que marcou foi nos anos 90 sim.

R: Ah, foi nos anos 90? O senhor trabalhou na COPEL?

M: Sim. Eu tive três anos na COPEL. Saí, voltei, fiz o vestibular na Católica, então, uma vida tumultuada. Não consegui me achar. Não. Me achei sim, graças a Deus.

R: O senhor acha que esse ambiente que o senhor conviveu na banda, ele foi [...] ele foi marcante na sua trajetória?

M: Marcante, favorável. Porque se hoje eu consigo passar as coisas [...] muita coisa boa pros meus filhos, agradeço a essa disciplina que a gente tinha aqui dentro. Não era um troço assim, de machucar ninguém. Mas era uma disciplina. Um inspetor, que se tu olhava, tu te assustava, cara. Se chegasse [...] o que acontece hoje, se tu levasse uma observação [...] porque tinha as cadernetas de presença. Tu deve ter [...] o teu pai tinha que assinar, ciente que tu sofreu aquela punição ou levasse aquela chamada. Isso era uma vergonha, tchê. O pai chegava, quase desmanchava o cara, falando o dia inteiro. Hoje os caras batem nos professores aí. É um absurdo. Isso aí são os valores? Se perderam totalmente no tempo.

R: O que o senhor mais tem saudade?

M: Tchê, da escola em si, tudo. O tempo que se passou aqui, das dificuldades, das rodadas. Que eu tive uns anos que eu rodei. Das provas. Bah, tudo isso. Nós fomos nos Jogos Brasileiros de Belém, aí na volta, quando a gente tava lá, a gente perdeu umas provas aqui. Que era fim de ano. Então uma foi OSPB, do famoso Padre Ozir Fogaça. Tu debes ter ouvido falar nele. Aí fomos fazer eu mais três colegas, que a gente ia rodar lá. Fomos fazer as provas lá na igreja, essa daqui da [...] tem [...] aqui na estação de trem ali.

R: Sim, sim. Eu sei mais ou menos.

M: Naquela igreja ali. Nós fomos na igreja, fazer uma prova da escola [...] de OSPB.

R: Sim, sim. Organização Social [...]

M: E Política Brasileira.

R: OSPB era parecida com Educação Moral e Cívica?

M: É. É. Tinha muito a ver. Depois, na faculdade era EPB. Era a mesma coisa, mas já era EPB, Estudo de Problemas Brasileiros. Então essas coisas, tu começa te lembrar assim, poxa vida, não vai voltar mais. Os outros alunos aqui da escola. Os caras [...] a grande maioria, se tu falares com 100, 99 vai agradecer a escola. E essa paixão que tem pela escola. Tu vai achar em todos eles.

R: Pois é. É isso que me instiga a [...] a [...]

M: A tentar entender [...]

R: A entender [...] é, é [...] isso aí tem que resgatar.

M: Mas a essência de tudo é isso aí, que era uma época de dificuldades. Nós estávamos também no regime militar, que era uma coisa assim, muito [...] até teve um envolvimento com o Grêmio, aqui, na época. Eles queriam informações e [...] bom, já era uma época de repressão, o regime, em termos de Brasil. E a gente já via [...] claro, quem não devia não temia. Mas o troço era meio complicadinho. Quando a gente tava indo jogar futebol lá no pátio do Gonzaga, bem lá no auge do troço e vieram duas viatura e fizeram a gurizada toda voltar pra casa. Eu morava no edifício que eu te falei, ali em cima [...] toda gurizada voltando pra casa, três hora da tarde. Não podia andar.

R: Mas por que, três horas da tarde não podia andar?

M: Porque a situação tava meio [...] pegando fogo lá por cima. Então a gente com treze, com catorze, não conseguia entender isso aí. Mas aquela época foi meu período na escola. Então a gente juntava. Aquele troço, que a gente tava sempre de orelha em pé. E com a disciplina nossa, somar tudo isso, era gente aí [...] eu não conheço nenhum daquele momento que tenha saído mau caráter, sei lá o quê. Bandido. Não conheço nenhum [...] pode ter até algum que se desviou lá adiante, mas [...]

R: Tu vê, a escola foi uma formação do caráter.

M: Do caráter. Exatamente. Influenciou assim.

R: Será que isso tinha a ver com o regime que tinha?

M: Não, não, não, não. Lá fora. Era o que a gente escutava. Tu entendeu? Não podia sair à noite, tinha aquele negócio. Se tu não tivesse com documentação na rua, tu ia encaminhado pra delegacia.

R: O senhor não sofreu nenhuma repressão?

M: Não, nem ninguém da minha família. Não, não. A gente via muitas atrocidade. Se via, sim. Mas fora. A gente não se envolvia. Tinha a nossa [...]

R: E no Grêmio? O que é que o senhor comentou?

M: Existia um troço chamado SNI na época. Sistema Nacional de Informação. Eles queriam ver tudo, tudo que acontecia. Tinha aquele negócio dos estudantes, que era muito visado na época. Era um órgão estudantil que era muito visado e era muito esquerdista. Então eles queriam ter conhecimento de tudo, que numa entidade que tinha bastante alunos. Eles queriam saber como é que funcionava. Sei lá [...] Notícia de alguma coisa. O pessoal se infiltrava. Era um agente. Chegava um aluno novo, todo mundo ficava meio que olhando: bah, é aluno mesmo ou é espião? Dependendo duma palavra, claro, entre eles lá, se dizia uma palavra, se era uma pessoa mais influente, ele era tido como subversivo. Era o termo usado.

R: Subversivo. Se tu pensasse diferente.

M: É. Exatamente. Então aquele cara era acompanhado. Aí já vinha um informante do SNI, passava [...] de longe ele te acompanhava. Sabe? Mas isso era coisa deles lá também. Não era com nós. Não, a nossa história aqui era outra. Muito gostosa.

R: Tem essas fotos que estou lhe mostrando. Eu posso lhe enviar depois, eu escaneio. Tem bastante coisa que eu posso [...] pode até se enxergar, dar uma olhada.

M: A Guarda da Bandeira. A Guarda da Bandeira era famosa também na escola. Quem comandou a Guarda muitos anos foi o Gilfredo ali. Sabe quem era? Era professor.

R: Professor. Pois então [...]

M: O Gilfredo, professor. Ele era da Guarda da Bandeira.

R: Guarda da Bandeira?

M: É. Ele se formou eu acho que 77. Foi o que montou a Guarda da escola. Tinha um troço fantástico, olhar a guarda da escola desfilando. Era um espetáculo à parte também.

R: Ele foi conselheiro de alguma coisa da banda. Ele comentou comigo.

M: Foi, foi. Ele era do Conselho Fiscal da banda. Isso aí. Então, ele fazia parte da banda. Só que ele não tocava [...] ele só acompanhava. Até aqui na entrada ali, na portaria dos alunos, uma vez ia ter o ensaio da banda. Tava todo mundo. E o Gilfredo tava ali, que ele ia fazer o ensaio da guarda. Ele tava de braços cruzados. E o Roraí chegou e disse assim pra ele: vem cá, Gilfredo, tu não gostarias de tocar bumbo? Tocar o bumbo. Ele disse: não, a minha religião não permite fazer força. [risos]. Eu não sei se tu já conviveu com ele?

R: Sim, sim. Ele é um mito [...]

M: A minha religião não permite fazer força. Ele vai seguido lá na minha ferragem. Me deixa os poemas dele. Eu tenho uma prateleira do Gilfredo, dos poemas dele.

R: É. Sim. Mas ele faz. Ele, volta e meia, ele tá aqui. Tá aposentado, obviamente. E vai na gráfica. O pessoal da gráfica ajuda ele a dar uma digitada nos livros dele. Volta e meia ele faz livro de poema e tudo.

M: É uma figura.

R: Uma figura. É uma figura da ETP.

M: Uma figura que a ETP criou essa figura.

R: É folclórico.

M: Eu fui colega do Gilfredo. Fui aluno do Gilfredo. O Ronaldo também. Fomos colegas de banda. Depois ele foi meu professor, também no finalzinho. Professor de eletrotécnica [...] olha o Moura ali (olhando uma foto que estava em cima da mesa) [...] E esse aqui é o Pai João: O professor Roberto Rocha da Rosa. Está nos anais da escola.

R: É? Roberto Rocha.

M: O famoso Pai João. Mora em Guaíba.

R: Mora em Guaíba? Tem muita gente que trabalha, que não tá mais aqui.

M: É? Nós temos um grupo de ex-alunos. Então a gente todo dia se fala ali, bom dia, boa tarde, conta os acontecimentos. Tem aquela história de corneta de futebol. Só a única coisa que foi separado foi a política. Porque os caras estavam se digladiando, tchê, se xingando. Tchê, se ofendendo. Depois criaram um grupo. Tem um grupo de ex-alunos só para política. E

o outro não, é só [...] professor entra no grupo também. Eu, o Flávio Moura e esse aí ó, nós tocamos em escola de samba em Porto Alegre, cara. Esses aí. Na Praiana e nos Bambas da Orgia.

R: Ah é? Nessa época aí ou depois?

M: Não, não, no carnaval. Janeiro e fevereiro a gente ia prá lá. Nós ganhava dinheiro. Quando eu parei com a escola, eu nunca mais peguei [...] até o Chuteira lá do Colégio Gonzaga. O Gonzaga continuou participando de concurso nacional de banda. Ele diz: vamos comigo. Eu digo: não. Se eu não vou na minha, eu não vou na tua. Se eu não vou pela minha escola. Eu já nem tava mais aí [...] eles me chamavam de Papo Branco.

R: Pato?

M: Papo. Eles me chamavam de Papo branco. Tem muita história também, tchê. Bah [...] as instruções [...] esse de Rio Grande, o Pedalão. Esse é o famoso Pedalão. Ferreira. Paulo Ferreira.

R: Tu tocou com ele?

M: Tocava surdo na banda. Hoje ele é professor do SENAI em Rio Grande [...] as flâmulas da banda. Esse aqui é bicampeonato?

R: É. Bicampeonato de 68. Aqui é a banda do Rio Grande do Sul, em 68 também.

M: Pô, mas esses caras são uns chatos, tchê.

R: Essa aqui é mais antiga, 1950, Guarda de Honra.

M: Não, não, isso é 50. Eu nem era nascido. 1945.

R: Isso aí era o prédio da escola [...] que foi quando começou. Foi quando começou.

M: 1945?

R: Isso. Isso aí. Isso mesmo.

M: Inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas?

R: Presidente Getúlio Vargas. Tem uma matéria aqui dele, na inauguração e tal.

M: Tchê, eu tô te falando que tu vai acabar te apaixonando pela escola.

R: Não, mas já estou. Ah, não. Mas já estou.

M: Isso não existe mais, esse amor assim não [...] a diversidade de atividades e de opções.

R: Sim, sim. Pois é, né? Eu tava perguntando por isso também. Eu tava me perguntando. Por que, por que não tem mais?

M: O amor à pátria, ele era diferente também. Aqui sim, cantava o hino nacional, tudo. Tinha professor que dava [...] Dulce Becker, que era professora de música. Então a gente sabia o Hino Nacional, o hino da escola.

R: Vocês tocavam o hino da escola também, na banda? Não?

M: Sim, sim. Nos aniversários: somos nós o alicerce da pátria [...]

R: Isso mesmo. Eu tinha acesso ao hino. Eu não tenho a data dele. Eu sei que ele foi composto pela Dona Enilda.

M: Enilda. Era uma senhora alta [...]

R: Sim, que dá nome ao nosso auditório. O auditório tem o nome dela. É. O auditório é o auditório Enilda Feistauer.

M: Foi minha professora também, de música. Ela e a Dona Dulce.

R: E eu sei que foi ela e mais um rapaz que fizeram o hino.

M: A Dona Dulce, uma pessoa queridíssima também, uma senhora, já era bem veterana. Mas a Dona Dulce era a coisa mais querida. Ela tratava todo mundo como se fosse um filho ou um neto dela. Era muito gostoso a gente ser bem tratado. Gurizada. Maravilhoso. Isso encanta a gente. Isso encanta a gente. Não existe mais. Esses valores acabaram.

R: E por que será? Por que será, Moisés?

M: Eu não sei. O que influencia, tchê. Hoje é muita [...] muito ódio. Sei lá. É mesmo. Tu não acha assim, nessa [...] é intolerância.

R: Por quê?

M: É. Mas isso aí tudo colabora pra não acontecer. Pra não ter mais esse tipo de sentimento da gente.

R: Pois é. Esse senso de irmandade que vocês tinham. Mas Moisés, muito obrigado.

M: Eu que te agradeço. Foi muito gostoso relembrar alguma coisa que [...] eu achei que eu não ia contribuir muito contigo. Mas [...]

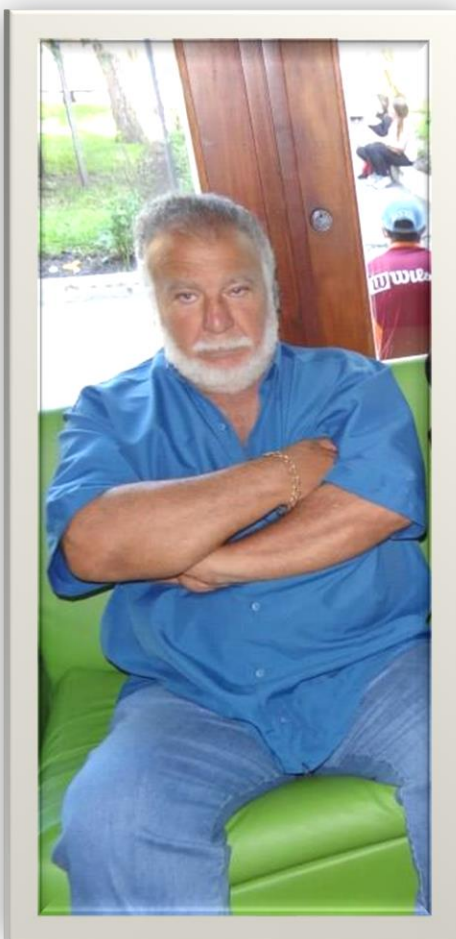
R: Mas tu não tem ideia de como o senhor contribuiu, nessa hora que a gente tá falando aqui. São 50 minutos. 50 minutos que estão acabando. A gente transcreve tudo e coloca.

M: Que bom.

R: Então o meu muito obrigado.

Entrevistado 4: *Gilfredo Rodrigues Renck*

Frequentou a escola de 1960 a 2016, primeiro como aluno de Eletrotécnica e depois como Professor do mesmo curso. Foi membro da Guarda de Honra da Escola Técnica. Fazia parte dos desfiles da Banda Marcial carregando as bandeiras. Mais tarde, fez parte do Conselho Promotor dos Possantes. Atualmente é aposentado e dedica seu tempo livre a escrever livros de poesia. A entrevista foi concedida no IFSul – Câmpus Pelotas.



Entrevista: Gilfredo Rodrigues Renck (G)

Entrevistador: Rafael de Souza Velasco (R)

Pelotas, 08 de Maio de 2019

Tempo da entrevista: 1h 07' 40"

Local: Câmpus Pelotas - IFSul

R: Professor Gilfredo, fala mais então sobre as suas memórias, sobre aquilo que o senhor entende da banda marcial.

G: Sim. É. Num primeiro momento, Rafael, pode parecer estranho, né? Um professor do curso de eletrotécnica, de disciplinas tecnológicas falar sobre a história da nossa banda. Então eu te diria que eu me animo a falar sobre a banda – e falo com muito entusiasmo – porque eu convivi nessa escola como aluno, como funcionário, como professor de 1960 – entrei aqui como aluno – até 2016, quando eu me afastei com aposentadoria compulsória. Então são nada mais, nada menos, do que 56 anos de vivência dentro da escola. Tá? Então eu vivi. Eu fui aluno. Eu fui aluno estagiário. Hoje eu não sei como é que chamam. Monitor. Eu fui depois funcionário da escola em concurso. Depois fui professor da escola. Cheguei a [...] depois fui chefe de vários departamentos e cheguei a ser [...] diretor da escola. O diretor foi fazer um curso na Itália e eu fiquei seis meses na direção da escola.

R: Certo.

G: Depois voltei pra sala de aula. Houve uma direção que não quis mais o meu trabalho como funcionário administrativo, por razões políticas. Eu nunca fui político. Mas na época ele era um diretor político. E resolveu botar os cupinchas dele. É meu amigo até hoje. Mas [...] e eu voltei pra sala de aula com a maior dignidade possível. Mas eu sempre vivi muito a banda. Por amigos na banda, por gostar de música. Então é por isso que eu estou me animando a conversar contigo sobre esse assunto. Existia aqui na escola um departamento chamado DPAD. Hoje esse departamento, ele existe. Eu não sei com que sigla. Era Departamento de Pedagogia e Apoio Didático. Ligado a esse departamento existia a banda, o CTG, o grupo de teatro, um grupo de escoteiros, um grupo de coral de alunos e professores, um centro cívico, chamado na época Visconde de Mauá, um clube de inglês técnico, uma oficina de artes – que eu hoje forcei a cabeça, mas não lembro, era um lugar que nós tínhamos lá no 3º piso – que os alunos iam desenhar, pintar, bordar pra desenvolver pendores artísticos dos alunos. Então tudo isso ficava dentro do DPAD. Que hoje vocês chamam de atividades extraclases. E tem, com certeza. Porque a escola tem essas coisas aí. Bem, e o chefe do DPAD era uma figura notável, infelizmente não está mais entre nós, o professor Hindu Ferrari, que até hoje uma homenagem recente aqui na escola pra ele, que o nome dele tá no refeitório. Só que o Hindu tinha mil profissões e mil e uma necessidades. Ele lecionava aqui, lecionava no Pelotense, era ligado à igreja católica. Ele era assessor do Dom Antônio Zátera e ainda era professor na Católica. Então na realidade, quem exercia essa função era o assistente dele, que era eu. Entendesses? Então eu praticamente substituía o Hindu. Então eu trabalhava bastante nesse departamento. E aí eu conheci os meandros da banda. Então essa é a razão pela qual te indicaram: não, fala com o Gilfredo que o Gilfredo conhece bastante da banda. Tá?

R: Isso era que ano, mais ou menos assim?

G: Bem, a banda da escola – deixa eu ver o que eu botei aqui – ela começou como toda banda de qualquer coleginho no Brasil tem: uma fanfarra. O que é fanfarra? Uma bandinha de merda. Quatro, cinco tambor. Quatro, cinco bumbo. Caixa, tarol e *dum-diguduti-tucudum-pa-pa-ra-ra-pa-pa* pra cadência. E na época, tu sabes existia – hoje eu nunca mais vi isso – desfile de alunos; que marchavam na Semana da Pátria, marchavam no Dia do Estudante, marchavam

no Dia do Rio Grande do Sul. E a escola tinha uma fanfarra. Essa fanfarra só tinha instrumento de percussão. Só tambor. E tinha um corneteiro, que o corneteiro é que dava a ordem unida: alto, descansar, direita volver, esquerda volver. Tu estudasse aqui na escola, não?

R: Não.

G: Não. Tu era de outra escola. Mas tu chegaste como aluno a marchar?

R: Sim.

G: No colégio, ter aula, ensinavam a marchar, ensinavam os princípios básicos. Pois é. Então a escola tinha essa fanfarra. Era uma bandinha comum, uniforme comum, calça branca, camiseta azul, uma engrenagem no peito, ETP. Era a fanfarra da escola. Bem, em 1962, 63 houve uma mudança grande aqui na direção da escola. E entrou um diretor que era um homem muito vaidoso – que eu não acho erro, eu acho que a pessoa que é vaidosa tem que se orgulhar da vaidade que tem. Tem pessoa que é orgulhoso, aí é outra coisa – ele era um homem vaidoso. E o sonho dele era que a escola tivesse uma banda ao nível do merecimento da escola. Foi ele, o professor Bonat, íntimo amigo meu; tem até um pavilhão na escola com o nome dele. Ele tem um filho em Pelotas, médico, o doutor Paulo Bonat, aqui no Capão do Leão; tem uma filha aqui em Pelotas que é médica, doutora Eliane Bonat, dermatologista; foram alunos da escola. E a esposa do doutor Bonat é uma professora da escola – com a qual eu vou sugerir que tu converse com ela, porque ela teve uma participação muito importante na implantação dessa banda – é a segunda esposa do doutor Bonat, a professora Beatriz Bonat. Então é uma pessoa que tu merece conversar um pouquinho com ela. Ela vai ficar muito orgulhosa de ser entrevistada por ti. E ele criou então. O sonho dele: criar uma banda. Mas uma banda nos moldes de uma grande banda, com 120, 130 pessoas, bem ao contrário da que tinha. Uma banda com uniforme bonito. Uma banda com bandeiras de veludo. Uma banda com musicalidade. E ele deu o passo mais certo do mundo. Ele pensou em contratar – eu não sei qual foi o critério que ele usou – um militar pra cuidar dessa banda. E eu não sei por que cargas d'água, o que levou que fosse um militar da Marinha. Porque a Marinha tem a famosa Banda dos Fuzileiros Navais. E ele era fuzileiro naval. Eu não me lembro se ele era tenente, se ele era sargento. Matoso. Tu já deve ter ouvido falar. Tem até um dobrado com o nome dele. Então foram ao Rio, conversaram com os superiores lá. Os superiores devem ter pensando assim: olha, o que vocês querem lá em Pelotas, Rio Grande do Sul, é uma pessoa com o perfil desse militar aqui. Conversem com ele que a gente libera. Instituições militares. Militares não, federais. A escola federal e a Marinha federal. E ele vem pra Pelotas. E morou um tempo – eu acho que mais de seis meses – na torre da escola, lá em cima. A escola montou ali um apartamento pra ele. Refrigerador, fogão, cama, livros. Toda uma estrutura. Telefone. E ele passou a viver dentro da escola, conversando com professores, conversando com alunos, indo nas aulas de educação física. E começou a montar a banda. Tanto é verdade, que o uniforme da banda era uma cópia fidedigna da Banda dos Fuzileiros Navais. E ele incorporou nessa banda o espírito de militar. Marchar com garbo, sem aquele negócio de abanar pra guriuzinha na calçada. Olhar pra frente. Tava o pai, tava a mãe: aí Rafael. O Rafael aqui, sério, embaixo da bandeira. A escola era um civismo, garbo, respeito. Então a banda introduzia isso no próprio aluno. E ele que implantou. E aí a banda foi se estruturando. Só que pra essa estrutura – eu tomei nota aqui – a escola precisava [...] então ela foi, primeiro, fanfarra, mais ou menos 50 pessoas. Depois ela passou pra marcial, que chegou a ter [...] ontem foi na minha casa o Ronaldo e eu conversei com ele sobre esse teu trabalho. E eu disse: Ronaldo, tu te lembra quando a banda tinha em torno de 120 alunos? Ele disse: não, nós chegamos a ter 140, Gilfredo. Chegou a ter 140, quatro ônibus. Quando a banda ia tocar em Arroio Grande ou Porto Alegre, Curitiba, quatro ônibus, uniforme [...] custa caro, instrumentos nem se fala. Manutenção de instrumento, qualquer pecinha era caríssimo, não era uma coisa muito comum. A escola tinha que contratar na condição, eu acho que era de professor, um maestro, um ensaiador, que a gente chamava de maestro [...] Tu imagina a estrutura que tínhamos. Só que essa banda era

onerosa pra escola. Então nós tivemos quatro maestros, três maestros na banda. Era o maestro Azamar Pinto, da Brigada Militar. O maestro Dirceu, que era também da Brigada Militar. E o último foi o Luz, que é do nosso quadro de professores. É vivo. É uma pessoa que tu deve conhecer. Eles cuidavam a parte de musicalidade da banda. Eles cuidavam se o cara tocava, ensinava pro cara, se o cara tocava errado e tal. Vem aqui que eu vou te ensinar: pa-pa-pa-pa-pa. É assim. O bumbo: *pa-pa-pa-pa-pa*. Tá errado. É assim. Então eles cuidavam só, só, só da parte de musicalidade. Então tu imagina, isso tudo era despesa. A escola não pagava um real sequer pra aluno nenhum tocar. Eles tocavam, tudo por amor à camiseta.

R: Mas os instrumentos, o uniforme, tudo isso era dado?

G: Tudo. Tudo era dado. Nós tínhamos na escola um alfaiate, que era quadro da escola ter um alfaiate pra cuidar da roupa dos alunos. E tínhamos um sapateiro que cuidava dos calçados dos alunos, antigamente.

R: Os alunos em geral ou só da banda?

G: Não. Alunos em geral. Se tu tivesse uma botina fora do padrão, ia lá e ele arrumava. A escola tinha no quadro de funcionários, sapateiro. Tinha no quadro de funcionários um alfaiate, que era o Seu Tecló. Tecló Morales. Depois, quando terminou a banda, ele passou a ser – já velhinho – passou a ser inspetor de alunos. Muita gente o conheceu como inspetor de alunos, o Seu Tecló. Uns chamam de Teco: Seu Teco, Seu Teco. Mas ele era originalmente alfaiate [...] o Seu Tecló é um excelente alfaiate. E era ele que fazia os uniformes da banda. Porque não era só o uniforme. Era o uniforme, era a flâmula que vai nos tambores. Eram bandeiras. Eram capas pra botar nos instrumentos em dia de chuva. Cada instrumento de pisto, ele era forrado. E alguns iam até dentro de uma caixa feita na marcenaria, pra que ele não amassasse, uma caixa protetora assim, vazada com a forma e volume do instrumento. Soltava ali. Então era coisa [...] e o Bonat, o diretor, era quem cuidava desse aspecto. Entendeu? Detalhista. E a banda foi crescendo em tudo, né tchê? Crescendo em uniforme bonito. Nós tínhamos uma professora – tínhamos e temos, graças a Deus – a Lizarbe – que tu vai conversar com ela – foi ela. Ela cuidava do uniforme da escola. Porque ela desenhou um uniforme da escola – nunca esqueço – que aquele uniforme tinha três ou quatro versões. Tinha um dia que o aluno saía com um casaco assim, com botões. Tinha dia que soltava os botões aqui, passava pra cá e ficava uma frente azul. Diferentes. A polaina preta. Aí tu virava a polaina, no outro dia tu saía com uma polaina branca. Então imagina: pô, os caras com outra polaina? Não. Era a mesma. Entendes? E assim a barretina, aquilo da cabeça. Então a Lizarbe – que hoje é aposentada – ela era professora de desenho artístico. Então ela tinha todo o perfil pra fazer esse estudo. A sala dela, ela tinha uma salinha com os uniformes tudo da banda e as possibilidades de uniformes de outras partes do mundo, pra ir melhorando. Porque a banda praticamente, ela só trocou uma vez de uniforme. Porque gasta, com o passar do tempo gasta, suja. Era branco. Tu imagina, uniforme branco. Às vezes tocando em cidades que tinha pó nas ruas, pra fora. Em festas de colono e assim sucessivamente. Mas chegou um dia, Rafael, que a banda não aguentou o peso do gasto e reduziu economicamente, cortar pra banda musical. Então ela teve o nome de marcial e musical.

R: Qual a diferença?

G: A diferença é a seguinte: a banda marcial, ela toca marchando. Então tu tem que ser bom, porque tu tem que tocar e tu tem que marchar. E não raras vezes com passos até militares. Tem um passo [...] eu não lembro o nome hoje, estava tentando lembrar.

R: Passo de Ganso.

G: Passo de Ganso. Eu ia falar passo de pato. Passo de Ganso. *Pa-pa*. E é aqui. E a cabeça pensando pra [...] e outras vezes, fazendo evolução. A banda marchava e o Mór fazia um sinalzinho aqui, acendia uma luzinha lá em cima. E os caras [...] quando tu via, a banda fazia

uma Espiral de Arquimedes. Bonito de olhar de cima de um edifício. Outras vezes tu olhava, a espiral desmanchava e fazia um cata-vento. Tu via os caras direitinho, marchando num cata-vento. Aí o cata-vento desmanchava e fazia umas correntes. Tu via direitinho que os caras [...] entendeste? Então dava um efeito visual muito bonito. E tinha 140 caras. E o número facilitava essas coisas.

R: Claro. Claro. Com menos integrantes [...]

G: Era mais difícil. Era impossível praticamente fazer essa parte. Essa foi uma das razões. Outra parte: cara, muita gente, muita instrumento, muita despesa. Nós não tínhamos ônibus naquela época, a escola. Tinha que alugar ônibus pra fazer o desfile. Pra levar os alunos. Então chegou um determinado momento, que eu acho que até também, a redução de interessados em trabalhar na banda. Entendes? Começou a reduzir o número de alunos interessados. Porque o cara pra gostar de banda, ele tem que ter muito pendor, muita vocação. Essa semana eu fui convidado pra jantar na casa de um ex-aluno da escola, o Paraná. E ele disse assim: Gilfredo vai vim aqui hoje um ex-aluno teu, foi teu aluno. E ele tocava na Mafa do Colono, que é um bloco da minha zona. Um bloco de carnaval. Eu encontrei o cara. Eu disse: tchê, tu fosse meu aluno? Fui professor, o senhor foi meu professor de eletrotécnica. O cara era bom aluno, mas tu não grava. A peste é que tu grava. E aí ele disse assim: não, fui seu aluno. E um detalhe: o senhor uma vez me convidou pra mim tocar aqui na Mafa do Colono. E eu digo: e tu tocaste? Toquei. Eu e mais três. E o senhor conseguiu – nem me lembro disso, eu acho que eu era até pra ser preso – o senhor conseguiu os instrumentos da escola emprestado. E nós tocamos com os instrumentos da escola. Foi na avenida o desfile. Foi bonito. E nós tocamos uma música dessa que morreu agora, Beth Carvalho. E quando terminou o desfile, o senhor meteu a mão no bolso e nos deu não sei quanto. Pô, nós ficamos feliz da vida. Mas eu não lembro. Mas o cara [...] e ele diz: olha professor, eu toco trombone até hoje. É o meu hobby.

R: Ele aprendeu na escola?

G: Aprendeu na escola. E hoje ele é marceneiro em Pelotas. Pelo jeito, é um marceneiro até bem conceituado. E é ele quem faz os móveis – ele me disse – do SINASEFE. Aquele prédio do SINASEFE, novo, aqueles móveis tudo sob medida, tudo foi ele que fez. Ele fez referência ao Bloomgard. E ele disse: pode perguntar. Eu disse: não, mas não tem problema. Ele abandonou a área técnica com seis ou sete anos de trabalho e veio pra Pelotas pra montar essa pequena empresa de móveis industrializados. Entendes? Então, esse era um grande aspecto da escola. Ensinava alunos a se tornarem músicos. E músico de pisto, ele ganha dinheiro todos os dias. É só querer tocar. Quem é que não gosta de ouvir um trombone bem tocado, um piston bem tocado, um sax, um clarinete. A gente para e abre a boca né, tchê?

R: E banda musical, ela já não marcha mais?

G: A musical, ela marcha só o necessário pra se deslocar de um lugar pro outro. É praticamente um caminhar organizado.

R: Certo. Coreografias.

G: Isso. Sem nada. Aí chega num lugar, para, senta – dependendo do caso – ou fica de pé. Normalmente pela idade – eram todos jovens – ficavam de pé. Mas essas outras bandas musicais que a gente vê, exército, eles botam uma cadeirinha. Cada um senta na cadeira e toca, entendesse?

R: Em que ano foi que trocou, tem ideia?

G: Eu não sei te dizer o ano.

R: Marcial, até nos anos 70 ela era marcial?

G: É. Marcial. Não, eu acho que ela foi até depois de 70. Depois ela [...] quando ela passou a musical, ela ficou melhor audível. Porque aí os instrumentos já eram instrumentos mais sofisticados, saxofone, trompa. Entendesse? Aquele [...]

R: Tuba.

G: Tuba. A tuba alta, a tuba baixa. Então pra ouvir é uma maravilha. Era muito mais pisto do que percussão. Já a banda marcial era mais barulho. *Pa-pa*. Bumbo. Aquele movimento, caixa e lira e prato. Entendesse?

R: O marcial tem a ver com a questão do exército? Com a questão [...]

G: Pois eu não sei te dizer a identidade. A escola reduziu e passou a tocar em solenidades cívicas igualmente, mas não tinha mais aquela beleza visual de antigamente. Entendeste? A ponto de um dia, não sei por que cargas d'água – já não era mais da estrutura da escola – eu fiquei triste quando eu soube que a banda já não tava mais saindo. E fiquei mais triste ainda quando soube que a escola tinha doado os instrumentos pro Colégio Pelotense. Tu sabia que a banda da escola deu os instrumentos pro Pelotense? Deu. E agora o ano passado, houve um encontro de ex-alunos – e eu fazia parte da comissão organizadora – e muitos ex-alunos fizeram parte dessa comissão e disseram assim: olha, nós gostaríamos de ter acesso aos instrumentos da escola, pra nós fazer uma surpresa. Pegar uns 10 da banda e fazer uma surpresa. E aí o pessoal: não, mas os instrumentos foram doados. Eu falei: ah, mas onde é que estão? Estão lá no Pelotense. Foram lá pra conseguir emprestado. Cadê os instrumentos?

R: Não estão mais lá?

G: Roubaram os instrumentos. Instrumento caro. Não tinha controle. Aluno ia lá, pegava os instrumentos pro carnaval. Não sei que fim deram. Eu estou fazendo a pior das conjecturas. Mas como é que um instrumento vai sumir de dentro duma escola? Não tinha um. Quer dizer, eu acho que foi uma mancada muito grande dada pela direção da escola. Porque se a escola guarda tanta coisa antiga lá na piscina, o que custaria guardar os instrumentos num caixote grande? Um dia é um dia. Tu nunca sabe [...]

R: Não sobrou instrumento nenhum aqui?

G: Olha, que eu saiba, não.

R: Engraçado. Eu também não. Eu tenho que pesquisar.

G: Que eu saiba, não. Esses alunos ficaram decepcionados. Eles foram lá com a Janete, inclusive, que a Janete se dispôs. Ela estava ajudando na organização desse evento. Foram lá, conversaram com o diretor. E foram no setor e não tinha nada. É uma pena. E instrumentos bons. Eu lembro que houve um ano, Rafael, que pelo fato da escola ter ganhado um concurso a nível nacional, eles deram os instrumentos todos naquele metal que parece ouro. Não é bronze. Não é cobre. Latão. Aquele amarelinho. Que tu vê no exército. Tem o cromado, tradicional. E tem aquele amarelo, que tu passa um líquido nele, um pó, um brilho, uma coisa. E os instrumentos da escola, os últimos eram aqueles instrumentos. Tudo caro.

R: Caríssimo. E nessa longa trajetória que o senhor teve à frente, que teve como coordenador, teve à frente ali, qual foi a época mais áurea da banda, pelo que o senhor entende, assim, pelo seu entendimento?

G: Olha, a escola tinha um fator que fazia com que nós aqui lutássemos muito pra ser sempre os melhores. Era a Banda do Gonzaga. Que a Banda do Gonzaga era a melhor banda do Brasil. Ela foi tricampeã brasileira de bandas. A Banda do Gonzaga aqui, uma escola ligada aos irmãos de La Salle. Era no tempo que se podia, na sociedade de Pelotas, dizer assim: fulano é de família rica, vai estudar no Gonzaga. Fulano é de família pobre, vai estudar na

Escola Técnica. O aluno do Gonzaga chegava lá de carro importado. O aluno da Escola Técnica vinha pra cá de bicicleta. E nesses áureos tempos da economia de Pelotas, a Banda do Gonzaga era muito bonita. O uniforme deles é o uniforme da Guarda Presidencial da Rainha Elisabeth, capuz aquele de veludo preto. Depois uma batina vermelha, de veludo também, um veludo bem escuro e calça preta. Era belíssimo o uniforme do Gonzaga. E a Banda do Gonzaga não tinha um erro sequer. Só tinha um problema, a Banda do Gonzaga tinha muito enxerto. O que é o enxerto? É o cara que não é aluno do Gonzaga, mas é músico do exército, da Brigada. E embaixo daquilo ali, como é que vai saber se o cara tem 60 anos ou 17. Tu não identificava. Então era [...] mas tu sabia. A gente sabia que era enxerto. Pagos. Os padres na época recebiam proventos dos pais dos alunos. E era uma banda que tinha enxerto. A musicalidade era 10 né, tchê? Eles nem precisavam ensaiar.

R: Sim, tinham profissionais também.

G: Claro. E nós aqui [...] a escola teve uma época que até teve que usar esse artifício. Começou a faltar aluno [...] E eu lembro que nós começamos, por laços afetivos, a pegar alunos nossos que eram militares. E eles vinham. Mas eles já tinham sido da banda.

R: Mas isso foi lá [...]

G: É. Já bem no finzinho. Bem no finzinho já, assim. Agora, a Banda do Gonzaga era um [...] quando ela saía na rua [...] e um detalhe: havia um concurso estadual e um concurso nacional. A nossa escola foi tricampeã estadual de bandas. Nunca ganhou [...]

R: Lembra que ano era isso?

G: Ah não. Eu tenho até flâmulas em casa. Eu posso olhar pra ti.

R: Eu tenho aqui [...]

G: É? Tricampeã estadual.

R: Tem umas fotos aqui. 1970.

G: Ó viu? É. E a Banda do Gonzaga foi tricampeã nacional. Então a nossa ganhava no Rio Grande do Sul e perdia no nacional. E a Banda do Gonzaga nunca ganhou concursos no Rio Grande do Sul. É. Não ganhou. Era a Banda do São João. Era uma banda que tinha em Santa Maria, famosa também, uma banda feminina.

R: Isso criava uma rivalidade grande?

G: Ah, a rivalidade era incrível. A rivalidade [...]

R: Isso aqui é um cartaz que a gente encontrou, que é um convite pra enterro, que é uma provocação [...]

G: Sim, uma provocação.

R: Quando, em 1970, esse tricampeonato da Escola Técnica, justamente em cima das Galinhas Gordas.

G: É. Da Galinha Gorda.

R: É. Isso aqui distribuíram (cartaz provocativo que circulava nos corredores na época) [...]

G: É. Porque era ginásio Gonzaga, galinha gorda. Porque antigamente as escolas de ensino médio eram chamadas ginásios. Era Ginásio Pelotense, hoje é Colégio Pelotense. Por isso, gato pelado. Ginásio Pelotense, gato pelado. Ginásio Gonzaga [...] Galinha gorda.

R: Bah, eu não sabia disso não. Interessante.

G: O ensino médio era chamado ginásio.

R: Aqui era chamado de possantes.

G: Não. Isso eu vou te contar agora. Os nossos [...] a escola usou, desde a fundação. Era comum que as escolas, os clubes tivessem um distintivo, um símbolo. Como o Palmeiras tinha o periquito, depois mudou pra um porco. O Internacional, o saci. O Brasil de Pelotas um índio xavante. O Pelotas, Boca do Lobo, Lobão. Sabe por que é Boca do Lobo, o campo do Pelotas? É curioso. Existe no esgoto pluvial um lugar que coleta água da chuva. Aquele lugar que coleta água da chuva chama-se boca de lobo. Por quê? Porque quando tem uma vazão muito grande de água, ele faz um barulho, ruge: *urrr*. E bem atrás do campo do Pelotas ficava uma boca de lobo. Eu tenho uma vontade de passar ali num dia de chuva para ver se ainda existe. Quando eu era rapazote eu tinha uma namorada ali perto e eu ia pra ver. Tu ouvia direitinho, parecia uma alcatéia de lobos. A água entrando ali: *urrr*. Então ficou Boca do Lobo aquele lugar. E ficou o time dali, o Lobo. E as escolas também tinham símbolos. A Escola Agrotécnica era um pato, o Pato Donald. E nossa escola adotou como símbolo o Mickey Mouse, que é popularmente o *Possante*. Que quando a escola fez – eu não sei se foi 60 anos ou 50 anos – houve uma época que o pessoal deixou, abandonou-se, entraram noutras mídias. Aí eu e uma funcionária da escola – que já faleceu – a Ciça, resgatamos do material e redesenhamos. Eu vou te conseguir um exemplar. A história do possante. E no bumbo tinha o possante. Aí. Aí está ele.

R: Aqui está ele. Do acervo aqui da escola.

G: É. E isso aqui foi [...] eu sempre desenhava pra eles. E essas letras aqui, como são radiais, dá trabalho pra fazer. Então eu sempre fazia em papel, recortava o gabarito direitinho e a gente pintava na véspera dos desfiles.

R: Ah, então esse logo aqui tem direta ligação com o senhor.

G: Tem, tem. Mas eu sempre desenhava pra eles. Mas tem um outro mais bonito que esse, que ele tá em cima numa bigorna.

R: Ah, esse eu não vi ainda.

G: Ah, eu te consigo.

R: Ah, me consegue ele. No acervo da escola aqui, eu não achei.

G: E este diretor que era o Bonat, que era muito vaidoso, era um homem rico, de família rica. E ele, numa época da escola, ele admitiu uma costureira só pra bordar bandeiras e uniformes da banda em veludo. Essa senhora há uns cinco ou seis anos atrás; bem velhinha. Eu soube notícia dela. E eu fiquei devendo pra ela uma visita. Porque na época eu era aluno da escola dum setor que chamava-se Seção Técnica. E eu era um menino, braço direito do Bonat. Tudo que ele queria, ele pedia pra eu dizer. E eu fazia direitinho. E ele gostava muito dos meus trabalhos. Então, quando ele pedia alguma coisa, eu, ao invés de fazer o desenho, eu ia além, eu fazia o desenho e um modelo em tamanho reduzido, em tamanho natural, que ia ser bordado, em cartolina. E dava pra ela os desenhos já modelados. Então pra ela era uma barbada. E ela bordava à mão. Tu sabe que o Bonat uma vez, me inventou fazer as 10 bandeiras do Brasil. O Brasil já teve 10 bandeiras. Toda vez que o Brasil passava de um plano governamental pra outro. E o regime, porque num primeiro momento foi colônia. Depois foi império. Depois foi colônia. Depois foi reino unido. Depois foi não sei o que de Algarves. Cada modificação daquela tinha uma bandeira. Teve 10. São as chamadas bandeiras históricas. E tu sabe que o Bonat inventou fazer essas 10 bandeiras em veludo. E ela era funcionária do quadro da escola, de funcionários da escola, tinha um setor aqui em cima, em que ela fazia os bordados. E ela um dia, eu soube notícia que ela tava velhinha, que eu fosse um dia lá pra visitá-la e tomar um café com ela. Eu não lembro o que aconteceu, que eu não fui. Fiquei contente em saber que ela estava viva. E eu soube através de uma prima minha que era

vizinha dela, que ela mostrava orgulhosa: olha isso aqui, dentro dessa pasta. Isso aqui foi o Gilfredo que fez pra mim. Nem era professor, era o Gilfredo. Porque eu era aluno. O Gilfredo que fez pra mim. Estão aqui os modelinhos. E aí ela bordava. Quando o pessoal olhava aquelas bandeiras bonitas. A bandeira brasileira. Tem todo um ritual pra bordar. Cada estrela tem um tamanho, cada estrela tem uma posição. Cada letra tem uma proporção. E ela desenhava bandeira pro próprio exército brasileiro. O pessoal vinha aqui na escola e perguntava: quem é que desenha, que fez a bandeira? Olha, foi a Dona Loiva. Foi a Dona Loiva. Aí ela fazia, cobrava um “x”, fazia em casa. Mas tu imagina uma bandeira de veludo.

R: Sim.

G: Eu era da Guarda da Bandeira da escola. E uma bandeira daquela, pra tu carregar aqui, bah [...] quando terminava o desfile, tu tava com o ombro assim, em carne viva.

R: O senhor foi da Guarda da Bandeira. E vinha na frente da escola?

G: Não. Na frente da banda. A nossa Guarda da Bandeira era muito bonita, modéstia à parte. Os cara tudo sarado na frente e tal. E a gente carregava a bandeira do Rio Grande do Sul, do Brasil e da escola. E nós éramos tão afinados com a banda, que pra dar melhor visual aos desfiles da banda, a Guarda da Bandeira ia junto. Nós desfilávamos. E tinha as balizas, inclusive. Eu tomei nota aqui. Eu tomei nota aqui também. Tecló Morales. Era o alfaiate. O grande maestro da escola era um professor da marcenaria, chamado Olivério Villas-Boas. Quando se fala em banda da escola, o nome número um: Olivério Villas-Boas. Sabe quem era o Olivério? Ele era professor da marcenaria. Só que nesse ano terminaram com a marcenaria da escola. A escola terminou com o ensino ginasial. E ele ficou ocioso dentro da estrutura da escola. E o Bonat gostava muito dele e sabia que ele era um cara muito dedicado. Convidou o professor Olivério pra ser o chefe da banda. Tudo era com ele. Entendesse? Tinha que fazer uma baqueta pra tocar um instrumento? Era com o Olivério. Tinha que comprar um sapato pra um aluno? Era com o Olivério. O Olivério, Joãozinho Faz-Tudo. A banda saía, ele saía – já velho – saía correndo do lado, levando instrumento, levando isso, levando aquilo, levando agulha, levando [...] e era Olivério Villas-Boas. Tem até músicas com o nome dele, Olivério Villas-Boas. É. Esse homem foi dedicadíssimo na banda da escola. Humilde, humilde, humilde. Mas ele passava o dia inteiro na sala da banda. Arrumando e brigando com um guri. E aperta esse parafuso e regula aqui. E deixa de ser burro. E pinta assim e pinta [...] mas quando a banda saía, não tinha um errinho. Era o Olivério Villas-Boas que cuidava. Ele era o coordenador da banda.

R: Ficou por quanto tempo assim, ali?

G: Desde que criou a banda marcial até praticamente a morte dele.

R: Como é que foi a morte dele?

G: Tu sabe que ele vinha pra escola de carro. E quando chegou aqui na frente da escola, o veinho lá de cima sabe, ele teve um ataque cardíaco. Morreu na frente da escola. Morreu na frente da escola. Olivério Villas-Boas era. Vinha de carro. Um Fusquinha. Ele vinha. Chegou aqui na frente da escola. Faleceu. Então eu botei aqui: Tecló Morales. Eu botei aqui também que a escola, nos áureos dela, o Bonat contratava um fotógrafo – que o nome eu não lembro – que ia sair a banda. Ele já vinha. Mas não é essas máquinas daqui. Era uma máquina especial. E ele fotografava toda a banda. Ele fotografava com riqueza de detalhes. Fotografava aluno por aluno [...] pegava aquelas gurias, as balizas, que iam na frente. Normalmente eram filhas de professores, filhas de funcionários. Normalmente eram irmãs de componentes da banda e moravam aqui. Esse bairro aqui sempre teve uma vida muito intensa ligada à escola, o Simões Lopes. Então eram as balizas da escola. Tinham uniformes especiais. A Beatriz, essa que eu vou sugerir que tu converse com ela. As filhas dela – me parece que ela tem duas filhas, que hoje são professoras de educação física – foram balizas da banda.

R: Eu já vi umas fotos sim. Elas têm uma escola de dança?

G: Isso. Aquelas foram. E duas filhas do João Manuel, que são hoje advogadas, a Elisa e a Cristina, que eu botei aqui também. Tu deve, se possível, conversar com elas. Foram balizas da banda. Umas guria bonita. Elas são bonitas até hoje. São umas mulher com 60 anos. Mas eram umas boneca.

R: Mas as balizas à frente da banda, eu acho que já foi mais [...] eu acho que nos anos 70 ainda não tinha?

G: Eu acho que tinha.

R: Pelo que eu tenho conversado com o pessoal, em 79 começou [...]

G: Será? É. Essa data eu não lembro. Mas as balizas eram uma característica, a presença das balizas.

R: Esses concursos, por ser Porta-bandeira. Esses concursos em Porto Alegre o senhor participou também?

G: Não. Nos concursos a Guarda não ia.

R: Ia só a banda mesmo?

G: Só a banda. Porque ali era [...] tinha tempo marcado. E tinha que cumprir, passar naquele tempo. Tinha muita banda. Na época, se valorizava muito isso aí. Tinha banda em Santa Maria. Tinha banda em Bagé. Tinha banda em Pelotas. Rio Grande. Rio Grande tinha uma enorme banda, que eu me lembro, Escola Lemos Júnior tinha uma baita banda.

R: Na sua concepção qual foi o maior feito, o maior evento da Banda Marcial da Escola Técnica?

G: Ah, eu acho que foi o tricampeonato estadual.

R: O tricampeonato estadual. O senhor vivenciou ele ou não?

G: Sim. Eu vivenciei. Eu tava, eu acompanhava. Porque a banda. A banda, Rafael, ela chegou num determinado momento que ela começou a dar problemas, dar trabalho. Por que trabalho? Porque a banda era tão bonita. Todo mundo queria que a banda desfilasse quando tinha um determinado evento. Até a Pepsi-Cola, que era o refrigerante da época, lançava um produto: queremos que a banda da escola saia. Uma interrogação: sai ou não sai? E como? Que dia? E as aulas como ficam? E quem é que vai pagar os ônibus? E alimentação pros guris? E que horário vai ser? Entendesse? Aí chegava outro: “ah, nós vamos lançar. A Volkswagen vai lançar o X Ômega 37, queremos que a banda saia”. “Ah, vai chegar em Pelotas o vice-presidente da República”. “Vai chegar às cinco e vai sair às sete, a banda tem que estar lá”. Às vezes era imposição: “Tem que tá”. “O governo da revolução”. Mas quando não era assim, ficava aquela dúvida. Aí o diretor um dia teve uma ideia: sabe? Vamos criar um Conselho, chamado Conselho Promotor da Banda Marcial. Eu até tomei nota aqui. Porque eu lembrei. Eu lembrei de alguns. Tá aqui. Objetivo: era disciplinar os desfiles. Fazia parte o Jari que é vivo. O Carré que é vivo. Dario Mendes – que eu encontro ele no Centro – com 82, 83 anos é vivo. O Chiquinho Guimarães, que é um professor nosso, que morreu, infelizmente, há bem pouco tempo, no Paraná. Eu, o Carlinhos, o Carlos Alberto Soares. E fomos nomeados por um ato de portaria do diretor. Olha, vocês vão formar o Conselho que vai promover a banda. Então, quando alguém mandava uma correspondência pra banda sair, reunia o Conselho. Vamos analisar. Vamos ver os prós e os contras. A data é oportuna? É. A data é oportuna. E eles vão dar ônibus? Vão. Eles vão pagar os ônibus que nós precisamos. Vai ter refeição? Vai, vai ter. Não vai prejudicar as aulas? Não, é num sábado de manhã ou num domingo. Não tem aula. Então, quando era viável, nós começamos a dar uma disciplinada. Porque senão, a banda

passava dia e noite na rua. Quem é que não gosta de banda? Quem é que não gosta de ver? Eu gosto. Eu vejo uma banda, eu fico louco. Vou atrás. Olhando e tal. Música. Música é [...]

R: É. Eu gosto muito também.

G: Deixa eu ver o que mais que eu tomei nota aqui. Tu me perdoa se eu tô ficando enfadonho [...] a escola tem um professor que é coordenador de eletrotécnica, o Flávio Franco.

R: O Flávio tocava?

G: Tocava na banda. Entusiasta da banda. Tocava bumbo na banda. Conversa com ele. Ele vai te dar valiosa contribuição. Ó. Tem um cara aqui, que tu vai gostar muito de conversar com ele. No campo do Pelotas, pela Bento Gonçalves tem uma ferragem, bem do lado do [...]

R: Ah, o Moisés?

G: O Moisés.

R: Eu conversei com ele.

G: Ah, tu já conversaste com ele?

R: Eu conversei com ele. Eu conversei com ele a semana passada.

G: Aquele cara tem um orgulho da escola e da banda. E com ele tá sempre um negrão, um muro dum negrão, com dois metros e meio de altura, que é o Juju. Que tocava na banda. Se tu conversares de novo com ele diz assim: Moisés, não dá pra conversar um dia com o Juju? que era da banda? É aposentado da CEEE. Pode te dar uma valiosa contribuição. Outro cara, Renato. Ele é dono do Alarpe. Sabe quem é?

R: Sim. Entrevistei ele também.

G: Ah, que bom. Esse é um dos que tenta reativar a banda.

R: Perfeito. O Renato, eu conversei com ele. Com ele e com o Flávio Moura eu conversei também.

G: O Flávio Moura. Excelente. Excelente. Eu pequei em não botar o nome do Flávio aqui. E tem um outro cara maravilhoso, que esse eu gostaria muito que tu conversasse com ele. É o José Francisco Cruz. Ele foi secretário da Receita no governo desse guri que é governador agora.

R: Do Eduardo Leite?

G: Do Eduardo Leite. Eu até não sei se ele não trabalha com o Eduardo Leite lá em Porto Alegre. Ele é conhecido por Cruz. É José Francisco Cruz. Ele é um entusiasta da banda. Agora, no desfile, no aniversário da escola. Foi ele que vinha na escola e ensaiou um grupo e tocaram no encontro de ex-alunos [...] eu vou tentar descobrir o telefone dele. Mas se tu entrar. Vocês se comunicam por redes sociais. José Francisco Cruz. Procura ele, te identifica. Ele vai ficar feliz da vida. Se ele tá em Pelotas, ele hoje tá aposentado. Ele já morou em várias partes do Brasil. Ele mora ali pelo Laranjal, aqueles núcleos habitacionais bonitos. Mas é um ex-aluno da escola de pura cepa. José Francisco Cruz. Eu botei aqui pessoas que tu deve entrevistar. Bem, a banda da escola, ela tinha um grupo de alunos fregista, bagunceiro, beberrões, só a borra. Mas amor à escola. Era o Bloco da Cobra. Esse Bloco da Cobra, não tinha como tirar o Bloco da Cobra de dentro da banda, porque terminava a banda. Eram os tais que quando a banda parava num restaurante, eles roubavam bebida, eles roubavam cachaça, eles comiam e não pagavam. Eram da pá virada. E depois nós tínhamos que ir atrás resolvendo os problemas, amenizando. Não tinha como tirar. Era o famoso Bloco da Cobra. Então quando eles desciam e diziam assim: a cobra vai fumar. Tu já sabia. A Banda do Gonzaga, eles

atiravam ovo. Quebravam ovo e atiravam no meio da banda. Os caras desfilando. E eles lá de trás. O pessoal da escola atirava ovo nos caras. E eles ficavam de longe. E o cara de longe. Quatro, cinco. Vai saber da onde é que saiu aquele ovo? Então eu me lembrei: tá aqui, o Bloco da Cobra. Botei aqui a professora Lizarbe, que foi quem desenhou o uniforme da banda, com várias opções. Se tu quiseres falar com ela, tem um setor aqui na escola que tem os endereços dos professores antigos. Lizarbe Real. Tá? Ela vai ficar contente também. Porque o pai da Lizarbe, o Seu Pedro, foi muitos anos funcionário do almoxarifado da escola. Então ela foi criada correndo e brincando aqui dentro da escola. Depois tem aqui símbolo, possante que a gente pintava nos bumbos, nos tambores, nos caixas, taróis.

R: Como o senhor falou, o possante veio do Super Mouse.

G: O Possante é o nome popular do Super Mouse. É o nome popular do Super Mouse. Porque o Mickey Mouse era um personagem do Walt Disney, que ele era [...]a história mostra que quando tinha um conflito, qualquer coisa que não conseguia resolver, uma briga de trânsito, quem é que chamava? O Super Mouse. Ele vinha, resolvia o problema e voava, desaparecia. Por isso é que ele tem [...] ele parece o Capitão Marvel. Ele é da mesma linha do Capitão Marvel, do Batman. Tanto é que o nosso tem uma capinha. Então ele foi desenhado. Eu tenho até o desenho da flâmula. Ele foi desenhado por um ex-aluno nosso chamado [...] ele foi muitos anos técnico da CTMR. Eu tenho o nome dele. Era muito meu amigo. Ele é falecido há muitos anos. Mas nós resgatamos. E eu vou te trazer o desenho direitinho.

R: Ah, por favor. Eu vou adicionar no trabalho também, com certeza.

G: Ah, se tu fores ali na gráfica e perguntares por Geraldinho, ele entra ali nos arquivos do Gilfredo. Diz assim: Geraldinho, o que o professor Gilfredo tem aqui do possante, do Mickey Mouse? Ele te tira na hora ali, colorido. Trabalhos bonitos têm ali. Tem a história. E botei aqui os atributos que a banda deixava nos jovens: disciplina, civismo, patriotismo, garbo, cadências militares, musicalidade. Porque por incrível que pareça, tu é pai ou tu vai ser pai, tu vai notar que o teu filho, se ele tiver uma vivência em alguma entidade, em alguma instituição, que possa desde pequenininho: olha, meu filho, isso aqui é assim, isso aqui não se faz, isso aqui tá certo. O que aquele homem tá fazendo lá, botando a carteira fora da caixinha tá errado. Tu vai ter um filho exemplar. Porque a melhor escola não é o IFSUL. É a vida. Tu vê o que é certo e tu vê o que é errado. E banda, guri de CTG, tu te encanta quando conversa com guri de CTG [...] agora, dá gosto de tu conversar com guri de CTG. Ele sabe o que é uma lenda, ele sabe o que é uma poesia, ele declama, ele dança. Ele respeita: senhor, senhora. Dá gosto tu ter um aluno. Dá gosto tu ter um aluno militar. Ele chega na tua sala: boa tarde, com licença? Entendes? Tu já sabe. Esse cara é militar [...] é que no exército tem horário pra tudo. Tem pronomes de tratamento que devem ser usados. Há uma postura, como é que tu chega num lugar. Tu bate na porta. Pede licença. Aquelas coisas básicas que os nossos avôs ensinavam e que a gente aprendeu. Hierarquia, respeito. Então a banda criou esses atributos. O amor à escola. Eu tenho certeza que tu começa a conversar com esses caras que eu te dei, eles começam a conversar contigo e o olho enche d'água. É o amor. É o que está acontecendo comigo. Eu gosto. Eu podia estar tranquilo. Nesses cinco anos que eu tô frouxo, ganho mais do que eu preciso, menos do que eu mereço. Eu venho todas as tarde pra escola. É que eu tô fazendo um livro. O reitor me deu aval, o diretor me deu aval. Eu vou fazer um livro de poesia. Eu, a partir de um determinado momento da minha vida, eu me aborreci com tecnologia. Eu cansei de livro de física, de matemática, de Grey Wallace, de Christian Grey, de Mahler e guardei aquilo tudo. E sou um apaixonado por ensino técnico. E aí comecei a me dedicar a livros de autoajuda. Hoje eu sou muito mais um professor de língua portuguesa e de literatura brasileira do que um professor de eletrotécnica. Então eu faço palestras com professores. Eu faço palestras para grupos de família. Eu escrevo poemas, eu publico. Escrevo crônicas, publico. Chegou um determinado momento que eu resolvi entrar numa outra área. Porque há muitos anos atrás eu ganhei uma bolsa de estudos pra França. E eu era um grosso, um animal. Formação técnica.

Eu não tinha nada de humanismo. E quando eu recebi essa bolsa, o diretor disse: tu vai ir pra França. Eu disse: tá bem. Fui na embaixada. E o cara lá me perguntou: quais os seus pendores artísticos? Eu nem sabia o que era pendor. O que é? Não, o que tu faz? Eu não faço nada. Tu estuda? Trabalha? Não. Ele disse: pra ir pra França tu tens que ou dançar ballet ou cantar música clássica ou tocar algum instrumento – listou os instrumentos – ou te dedicar à literatura poética. Só cultura. E tu escolhe um. Teatro. Eu disse: sabe de uma coisa? O que eu acho bonito é quando eu vejo o Darcy Fagundes, quando eu vejo o Barbosa Lessa, vestido de gaúcho declamando. E aí eu gostei e me dediquei bastante. Hoje eu tenho mais de 120 poesias de minha autoria feitas, publicadas. Então sou muito mais hoje um cara da arte humana, do que a parte técnica. E não me arrependo. Porque eu acho que eu fui um professor que acho que eu fiz o que eu podia fazer. Mas eu senti, Rafael, que hoje eu tô muito melhor como ser humano do que antes. Porque eu era um grosso. Hoje eu sou um cara humano. Tem vez que eu me emociono vendo uma criança, eu me emociono. Há poucos dias eu tava engraxando o sapato. Um velhinho lá do outro lado da calçada, bem velhinho. Aí eu me lembrei do meu avô, eu digo: bah, parecido com o avô Valêncio. E fiquei ali olhando assim. Aí o engraxate disse assim: o que o senhor tá olhando? Eu digo: não, tem um senhor ali agachado. Ele disse: não, ele tá ali professor, porque ele não tem dinheiro. E aqui tem um restaurante que servem comida. E ele não tem cinco reais pra [...] eu digo: não, cara, vou dar vinte reais pra ele. Pra ele comer hoje e amanhã. Não me deixou mais pobre. Nem mais rico. Enfim, eu fiquei feliz da vida. Só não queria de jeito nenhum que dissesse que era eu. Mas ele insistiu tanto com o guri que deu o dinheiro, que o guri disse: foi aquele velhinho lá. Aquele que mandou pro senhor. A gente vive num mundo desumano. A gente [...] me fez tão bem aquilo.

R: Que valores que o senhor acha que o senhor mais levou pra sua vida, dentro dessa escola?

G: Olha, a escola me ensinou muito. Uma das coisas que a escola me ensinou é a valorizar o trabalho. Eu acho que o trabalho é fundamental na vida de todo ser humano. Um dia desse eu levei uma mijada dum juiz. E depois eu fiquei com pena do juiz. Vou te contar: eu fui indicado por um ex-aluno da escola pra ser testemunha dele numa ação que ele tem contra o INSS, ligado à aposentadoria desse ex-aluno. O cara se aposentou na CEEE e ele acha que tá mal remunerado. E aí ele me indicou. E eu, com o maior prazer: não, vou lá sim. E fui. Eu cheguei lá no dia. Entrei. O juiz, um cara bem moço, bem apessoado, começou a me perguntar. O senhor trabalhou, trabalha na Escola Técnica? Trabalho. Qual é a sua função? É essa. O senhor trabalhou, conhece o fulano de tal? Conheço. O senhor lembra dele trabalhando? Não, ele era estagiário. Na época nós tínhamos muitos estagiários, meninos que trabalhavam na escola, recebiam um salário mínimo. E era muito bom, porque eles conviviam com professores e aí pegaram ideia de respeito ao horário, hierarquia. Aqueles princípios muito importantes que o jovem precisa ter. E que hoje, Seu Juiz, infelizmente existem propagandas na televisão, que proíbem o trabalho do jovem. Eu acho a maior bobagem. Eu, toda vida trabalhei. Nunca suei sangue. Mas toda vida trabalhei. E o cara levantou o dedo assim: o senhor se atenha. O senhor se atenha ao tema das perguntas [risos]. Mas tudo bem. Parei. E continuei falando. Um belo dia fui fazer sauna lá na AABB. Passou por mim um cara bem arrumado: boa tarde. Boa tarde. Eu disse assim: eu conheço ele. Foi quem me deu o corte. Tchê, quando eu tô terminando de pensar, o cara voltou. Botou o braço por cima de mim: professor, o senhor lembra de mim? Eu disse: eu tô lembrado. Eu acho que nos encontramos numa reunião. Ele disse: não, eu sou o juiz da Vara do Trabalho. Eu fui seu aluno [risos]. Ele tinha sido meu aluno aqui na escola. Não podia dizer. Quando eu entrei ele não ia me abraçar, morrer de amores. Eu fui seu aluno. E aquilo que o senhor falou é a pura verdade. Mas eu tive que [...] porque tinha advogados do INSS junto. O cara ficou meu amigo. O cara tinha que ser imparcial. Mas eu gostei de ver que o cara voltou pra me abraçar. Não, que eu acho que eu cortei [...] o senhor se atenha à pergunta. Mas pra mim é fundamental na escola. Eu fico muito triste vendo essas transformações da escola. Que hoje tu quase não vê um guri na frente duma máquina né, tchê? Operando máquina. Eu sou do tempo que tu passava uma tarde inteira aqui na escola

fazendo armário, fazendo isso, fazendo uma instalação, torneando, fresando. Hoje entrou o computador. Pra que pensar? [...] habilidade manual, tu vai um dia me dar a honra da tua visita na minha casa. Tu vai ver as coisas que eu faço. Não tem um dia que eu não faça alguma coisa pra dependurar no meu galpão. Uma frase, uma coisa. Porque o cara na minha faixa de idade, ele tá sempre assim: eu tô com medo. Eu acho que eu vou morrer. Eu vou ter um infarto. Claro que eu vou ter um infarto. Eu não sei quando. Eu vou ter [...] eu tenho que ter incomodação. Guri, eu não quero te atrapalhar mais. Mas eu acho que eu te dei em linhas gerais.

R: Não. Muito mais. O que você falou é de grande valia.

G: Me ataca em qualquer momento, tu tem o meu telefone. Tu me acha na gráfica.

R: Eu quero agradecer muito o senhor por essa grande contribuição. Encerrando essa entrevista. A sua idade hoje?

G: Eu tenho 73 anos.

R: 73 anos. Aposentadoria compulsória antes era diferente?

G: Não. Eu vou te contar o que aconteceu comigo: eu comecei a trabalhar aqui na escola muito cedo. E na época, eu nunca tirei, me preocupei com licença prêmio, com isso, com aquilo, com aquilo outro. Moral da história: com 44 anos eu me aposentei. Com tudo direitinho.

R: Sim, sim, por causa que trabalhava [...]

G: Não fiz [...] não roubei um real, nunca falhei, nunca isso [...] ganhei. Ganhei até insígnias do presidente. Eu tenho uma medalha – que é uma honra que eu tenho – ganhei das mãos do presidente José Sarney. O maior mérito da educação técnica no Brasil, chama-se Medalha Nilo Peçanha. E nos 80 anos da educação técnica no Brasil, eu ganhei essa medalha das mãos do presidente da República. Então até essa insígnia eu tenho. Entendesse? Mas aí eu cheguei com 44 anos, solteiro. O que eu vou ficar fazendo, tchê? Ia morrer. Aí viajei, fui aqui, fui ali. Fui à Portugal, visitei uns parentes meus. Quando eu voltei, eu comecei a entrar numa depressão. Aí um dia vim aqui na escola e o diretor disse assim: tchê, tô precisando de ti. Nós tamo criando uma unidade em Sapucaia. Eu quero que tu me ajude na coordenação. Eu digo: claro, vamos criar. Foi a melhor coisa da vida. Voltei a trabalhar. Dali uns dias, entrou um diretor novo: ah, não te quero trabalhando em unidade de ensino. Vai dar aula. Eu vou dar aula, com o maior prazer. Voltei pra sala de aula. Aí chegou os 70 anos, eu tive que parar.

R: Claro. Claro, foi aos 70. Bacana.

G: Então eu tenho duas aposentadorias.

R: Sim. Perfeito. Beleza. Perfeito. Muito obrigado pela sua participação.

G: Não, que nada, guri.

R: Tá? Um grande abraço.

RELAÇÃO DOS COMPONENTES DA BANDA MARCIAL ETFPEL EM 1971:

Presidente do Conselho Promotor: Gabriel Tomberg

Presidentes-coordenadores: Olivério Villas Boas e Azamar Pinto

Relações Públicas: Maria Marques Ripoll, Jary de Souza Alves e Dary Mendes

Comissão de Divulgação: Paulo Luiz Carre da Costa, Rubi Munchow, Volni Machado Lisboa e Eduardo Cortez Balreira

Setor Musical: Azamar Pinto e Ronaldo Moreira da Silva (Mór)

Tesouraria: Francisco Vasques Guimarães, Abeilard Pires Mateus e Carlos Alberto Matos Soares

Patrimônio: Olivério Villas Boas e Armando Simões Cavalheiro

Secretaria: José Carlos Treptow, Marli Teresinha Aires e Niára Pereira Cardoso

Presidentes de Honra: Gabriel Tomberg, Dr. Vicente Costa Rochedo, Dr. Gabriel Castro da Motta e Dr. Ildemar Capdeboscq Bonat

Mór: Ronaldo Moreira da Silva

Mascote: Paulo Faria Bonat

Balizas: Ivete Aune e Eliane Faria Bonat

Bombos:

1. Arnaldo Sales Prieto dos Santos
2. Carlos Gomes Goicocheia
3. Edison Luiz Barros
4. Fernando Luiz Pereira Dias
5. Neimar Rodrigues Pinheiro
6. Neri Witter
7. Pedro Luiz R. da Cunha
8. Vilmar Pereira Ávila

Repiques:

1. Graciano Euzébio Machado
2. Logil Gomes da Costa
3. Luiz Carlos M. de Oliveira
4. Paulo Roberto dos Santos

Taróis:

1. Fernando Gonçalves Porciúncula
2. Helio Barbosa
3. Ione Ávila do Espírito Santo
4. José Luiz Gomes Ramos
5. Mário Roberto Silveira
6. Omar Araújo Goulart
7. Osair Gadré
8. Paulo Roberto Meireles Lima
9. Robelar Pereira Martins

Caixas:

1. Antônio Simões da Silva
2. Ademir Valério Marcicano
3. Arilson Amorin Ferreira
4. Adalin Luiz Medeiros
5. Cesar Alves
6. Fernando Siqueira Hackbart
7. Jorge Luiz dos Santos
8. José Dagoberto O. Araújo
9. Luiz Fernando Rocha
10. Sidinei Amaro Cardoso
11. Vicenmar da Silva Maciel
12. Mário Henrique Pinto

Tambores Surdos:

1. Alfredo Machado Lima
2. Ademir Almeida dos Santos
3. Danoir Borges
4. Moacir Mena Barreto
5. Paulo Renato Martins
6. Wilson Goulart Rodrigues

Saxofones Sopranos:

1. Amilton Ferreira Araújo
2. Ademir Cavalcante de Aquilar
3. Edelbert Krüger
4. Fernando Sica Quadrado
5. Luiz Helio Mendes Telles

Clarinetes:

1. Carlos Roberto Silveira
2. Jorge Luiz V. Figueiredo
3. Miguel Moreira da Rosa
4. Miguel Felipe Reis Alves
5. Paulo Roberto Vasconcelos Rezende
6. Paulo Renato Pinheiro

Trombones:

1. Antonio Luiz Urguia
2. Alvanir de Quevedo
3. Guajara Lima Reis
4. João Novaes Pinheiro
5. João Jorge Gonçalves Camani
6. Moisés Vasconcelos Rezende
7. Ronaldo Lucio Bondan
8. Udo Albrecht

Pistons:

1. Clovis Vieira
2. Elodi Nizzoli
3. Jorge Eledio Pereira da Silva
4. José Norlindo Cruz do Amaral
5. Luiz Francisco Duarte
6. Manoel Pinheiro Goulart
7. Paulo Renato de Quadros Soares
8. Renato Colvara
9. Tailor Reis
10. Wolnei de Barros

Pratos:

1. Hermínio Braz
2. João Fernando Vighi
3. Marco Adiles Garcia
4. Marco Antônio de Pinho Ávila
5. Roberto Ferreira Felino
6. Sergio Machado da Costa
7. Walter Fonseca de Carvalho

Flautina:

1. Adair Mendes Jardim
2. Carlos Alberto da Silva Cunha
3. Clóvis Ubiratã Cardoso
4. Carlos Renato dos Santos Pereira
5. Francisco Carlos dos Santos Pereira
6. Goldemir Lima Ribeiro
7. Isaias Porto
8. José Ronaldo M. Araújo

9. Jedenir da Silva Martins
10. José Francisco Figueiredo Aranha
11. José Francisco Rosa da Rocha
12. Luiz Orlando Aranha
13. Luiz Hélio Mendes Telles
14. Mário Luiz Resis Rocha
15. Miguel Moreira da Rosa
16. Mário Fernando Saneski
17. Renato Luiz Bosses
18. Ubirajara Lemos da Silva

Pífaros:

1. Carlos Alberto Silva
2. Dione Gloi Netto
3. Eduardo Criatiman Padilha
4. Fernando Cezar C. Ferreira
5. Getúlio Lopes Soares
6. Ivan Xavier Pedra
7. Jean Marques Camargo
8. Joel Barbosa Vinhas